

**UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA
E EVASÃO ESCOLAR**

Dr. SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

**UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA
E EVASÃO ESCOLAR**

1ª Edição

Instituto Educacional Athena

São Paulo - SP
2019

Um Estudo Empírico Sobre Gravidez na Adolescência e Evasão Escolar

2019 Sérgio Rodrigues de Souza
Professor Licenciado em Sociologia e Filosofia
Pedagogo, Psicanalista
Pós-Doutor em Psicologia
Sergiorodrigues52@hotmail.com

Copyright by Sérgio Rodrigues de Souza

Edição

Instituto Educaional Athena

Editores Responsáveis

Júlio César Merij Mário
Sérgio Rodrigues de Souza

Revisão

Elaine Cristina de Oliveira
Mônica Nadja Silva d'Almeida Caniçali
Sérgio Rodrigues de Souza

Impressão

Editora PerSe Ltda. (São Paulo - SP)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)

Sérgio Rodrigues de Souza (Editor)

S316.6ps

SOUZA, Sérgio Rodrigues de.

Um Estudo Empírico sobre Gravidez na
Adolescência e Evasão Escolar / Sérgio
Rodrigues de Souza - 2019 - 122p.

Capa: *O Julgamento de Frineia*, de Jean-
Léon Gérôme (1861)

1. Adolescência 2. Gravidez na adolescência
3. Evasão escolar 4. Análise sociológica
5. Análise Antropológica 6. Psicologia Social -
Brasil

I. Título

II. Autor

ISBN: 978-85-85604-06-6

CDD - 316

CDU - 150/613.88

INTRODUÇÃO

Muitos problemas que não eram tratados nem vistos como de ordem pública em tempos anteriores [*não muito distantes em nossa história*], tornaram-se problemáticos a partir da virada do Século XX para o Século XXI, porque a existência em si mesma tornou-se muito mais complexa, de maneira que veio agregando questionamentos e exigências de enfrentamento. A gravidez no período da adolescência é um destes problemas e entra em conflito com a escola e a educação, porque, uma vez que esta passa ser considerada como direito subjetivo de todos e a presença das crianças neste espaço faz-se obrigatório até os 17 anos de idade, o que leva a escola a tomar atitudes no combate e este mal não é o caso da gravidez em si, mas uma consequência advinda da mesma: *A evasão escolar*.

A gravidez, ocorrida no período da adolescência tem se tornado um problema recorrente na atualidade, porque a jovem que ainda é, em muitos casos, uma simples criança crescida, de uma hora para outra é obrigada a encarar-se como mãe, vê-se de um momento para outro na iminência de ter que recorrer a um trabalho, cuidar de um filho e muitas das vezes tem que abandonar seus estudos, ainda incompletos, motivada por inúmeros conflitos de ordem endógena e exógena. Esta é uma situação que influencia diretamente na evasão escolar, um paradoxo do sistema educacional, que está convivendo com índices preocupantes de evasão escolar que, muitas das vezes estão ligados a questões de ordem social.

A adolescência é, naturalmente, um período sutil de muitas turbulências que afeta, diretamente, não apenas aos adolescentes, mas também aos pais e educadores. Neste período de transição entre a vida infantil heterônoma e a vida adulta autônoma e autêntica, encontra-se, por vezes

muito vulnerável, para não dizer volúvel e este sentimento de incerteza sobre si, sobre o mundo e os outros, a leva, por vezes, a agarrar-se a qualquer sombra de afeto e qualquer representação paterna, o que termina [*quase sempre*] em abusos por parte dos adultos contra a jovem criança, que encontra-se indefesa, tanto no aspecto físico quanto no aspecto psicoemocional. Outras buscam este caminho como forma de fugir da condição que o lar, muitas vezes, oferece. Há, ainda, aquelas que engravidam para, assim, sentirem-se realizadas como mulheres e/ou serem independentes.

A gravidez na adolescência afeta sobremaneira a vida das adolescentes pelo fato de que, de uma hora para outra, vêem-se entregues a uma obrigação de cuidar de uma nova vida, quando não encontram-se preparadas para assumirem, de modo autônomo e autêntico nem mesmo a própria. Em meio a toda esta situação, surge a necessidade de elaborar políticas públicas educacionais empreendedoras que visem solucionar este problema e para tanto, estimular esforços em todos os sentidos para a promoção de uma educação empreendedora trabalhada dentro dos espaços educacionais. Este processo poderia ajudar na educação e prevenção da gravidez precoce e transformaria o ambiente escolar em um espaço interativo, próprio para a manutenção e orientação adequada da sexualidade das adolescentes, direcionando esta energia afetivo-instintiva para fins bem mais adequados às suas condições sociais e existenciais.

A necessidade de elaborar tal trabalho justificou-se pela falta de um elemento norteador claro, que possibilitasse comprovar, empiricamente, a correlação entre a gravidez na adolescência e o abandono da escola pela estudante em condições de gestação. Trata-se de uma relato de uma pesquisa exploratória de cunho quantitativo e qualitativo, obedecendo aos preceitos de representação social. Teve como objetivo geral descobrir as [*possíveis*] causas porque

jovens meninas, que ao contraírem gravidez precocemente, tornam-se propensas a abandonarem a escola.

Devido à carência existente de estudos científicos que comprovem, por meio de dados estatísticos, a influência dos índices de gravidez na adolescência sobre os índices de evasão escolar pretendeu-se, por meio deste estudo de campo, verificar, matematicamente, o grau de correlação existente entre uma situação e outra e mesmo confirmar, de modo fático, a hipótese se a ocorrência de uma situação conduz, invariavelmente à outra.

Por fim, procura-se tecer uma proposta entre uma educação com preceitos empreendedores com vistas a que possa alcançar uma redução significativa no contingente de meninas adolescentes que contraem gravidez precocemente e para que haja uma menor taxa de evasão destas do ambiente educacional, porque uma vez que abandonem os meios educacionais formais a probabilidade de um retorno aos bancos escolares é muito pequena. Em contraponto, com as exigências da vida moderna sobre todas as famílias, a jovem mãe acaba tendo que lançar mão deste fato para cuidar, materialmente e afetivamente de seu rebento.

Há que empreender esforços em todos os sentidos como a elaboração de uma proposta de educação sexual para atender ao público adolescente e também às famílias que encontram-se despreparadas para assumirem, de uma maneira eficiente, tal tarefa que tem fugido ao controle, porque uma vez que a adolescente contraia gravidez não espera poder contar muito com o apoio de muitas pessoas, ficando relegada à exclusão e ao abandono intelectual e afetivo. Neste ínterim, uma educação empreendedora deve ser trabalhada dentro dos espaços educacionais, uma vez que estes locais mostram-se ineficazes em educar, de modo a promover a prevenção a este fato e que, quando ocorre mostra-se, totalmente, incompetente em manter boa parte

das adolescentes em seus espaços, ou seja, falha duas vezes [ou muito mais] com elas. E quando questiona-se aos elementos escolares se a gravidez na adolescência afeta na decisão da jovem em abandonar os estudos, em geral, os entrevistados atêm-se a um único caso em que esta não deixou a escola e alegam, com frases jocosas, do tipo que: *Hoje em dia elas já estão acostumadas a estas coisas e nem se importam; é como se tudo fosse muito natural.*

Ocorre que, esta é a impressão que se tem quando se olha o caso de fora, sem aproximar um pouco mais da questão; no entanto, se se realiza uma análise mais fina, buscando compreender os veios de clivagem da situação psicológica que enfrenta a jovem, como tal experiência a atravessa, percebe-se que existem conflitos que não são resolvidos e que se arrastam indefinidamente por gerações inteiras e não apenas em uma situação isolada. Entre as adolescentes existem situações de conflitos velados que são mantidos sob austero condicionamento social e quando uma contrai gravidez todas as outras tendem a afastar-se, o que provoca o sentimento de não pertencimento e a perda de reconhecimento por suas iguais, o que leva a situações de desejos de suicídio (algumas vezes consumados), abortos clandestinos, fugas, desaparecimentos.

APROXIMAÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período marcado por diversas mudanças físicas e psicológicas, estas acompanhadas pela alteração das emoções, alterações biológicas e todas essas transformações podem ser reforçadas e algumas explicadas através da interação com o ambiente em que esteja inserido este adolescente. Quando este respectivo espaço formal de vivência compreende e absorve bem esta metamorfose, termina colaborando para que o indivíduo possa passar por esta transição sem muita dificuldade; no entanto, quando o meio aonde vive explora esta sua condição de insegurança, acaba por transformá-lo em um objeto fútil de uso e abuso e posterior descarte, realçando os diversos elementos de conflitos internos e externos. Esta é uma condição que deve ser pensada e administrada pelos adultos (pais, tutores e outros), porque tais figuras tradicionais são as que detêm poder e autoridade para tanto, considerando que a situação [única] do adolescente em meio à sociedade, seu papel social não lho permite ter domínio das condições mínimas necessárias para enfrentar e solucionar a difícil posição que ocupa no tempo e no espaço. A cada dia, mais e mais atividades são imputadas aos adolescentes sob a nesfata alegação de que o mundo tem se tornado mais complexo e mais estranho; no entanto, o que sempre esconde-se no subterrâneo de todo este aparato é um desejo exasperado e desesperado de conter, de modo sutil e frio, a incontável manifestação da sexualidade adolescente.

No que se refere às mudanças biológicas, do ponto de vista cultural, trata-se da “transformação do estado não reprodutivo ao reprodutivo”¹, ou seja, no respectivo período

¹ SCHLEGEL & BARRY, 1991 *apud* BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.

da adolescência esse amadurecimento abrupto do sistema reprodutivo provoca mudanças características e também impõe limites muito específicos para cada sexo. Ocorrem transformações biofísicas nos órgãos sexuais internos e externos, gerando diversos conflitos e tensões, quando não conseguem lidar de forma equânime com tais mudanças.

As mudanças psicológicas estão atreladas ao modos de vestir, pensar, ver a si mesmo, ver a vida, seus anseios e valores. Surge, também, neste período, uma intensa timidez que necessita ser compreendida por aqueles que estão em torno do adolescente, porque, às vezes, nem ele mesmo se dá conta do que acontece com seu mundo interior. É neste espaço entre o que ele, de fato é, e o que ele, não sabe o que é, que existe a possibilidade de o profissional atuar na compreensão do que caracteriza o adolescente como ente humano. Já as mudanças físicas são caracterizadas pelo crescimento [*muito*] rápido, crescimento dos mamilos, tanto nos meninas quanto nas meninos, a formação do botão mamário, crescimento do pênis, testículos, aparecimento de acnes no rosto, o que afeta a questão da vaidade.

No período da adolescência, ocorre uma descarga hormonal muito grande e isto termina provocando mudanças significativas no corpo, em especial da menina, que começa a haver o nascimento do broto mamário, arredondamento dos quadris, tornando-a sensual. Nesta fase é que, também, começa a surgir o desejo sexual pelo sexo oposto, numa clara manifestação da psicosssexualidade, porém, que não se expressa, ainda, com fins últimos de consumação do ato genésico, antes no sentido de uma proximidade e busca por segurança contra um sentimento de abandono que lhe é muito estranho, incompreensível. Esta sensação conduz o adolescente a um estado esquizóide em que não reconhece a si mesmo e necessita de uma afirmação heterônoma que seja capaz de validar sua crença em que seja. É nesta fase

que ele corre os maiores riscos de ser aliciado e acabar sendo transformado em objeto de prazer de alguns. Tudo o que lhe é oferecido não o é com o objetivo de que possa construir sua autonomia, se não, com o intuito de destruí-la, porque uma vez que isto ocorra ter-se-á um autômato à inteira disposição, um objeto que pode ser manipulado ao bel prazer de quem assim o desejar.

A adolescência traz consigo inúmeros desafios de superação, a começar pelo complexo conhecimento de si, o reconhecimento de si mesmo como indivíduo, a luta contra a sua constante baixa autoestima, a insegurança quanto a uma definição de desejo sexual objetual, sua relação com seu corpo e a aceitação [às vezes, *mais ou menos*] pacífica das transformações que a ele acometem. Freud acreditava que a fase da adolescência caracterizava-se como uma segunda manifestação do Complexo de Édipo, em que os desejos ambivalentes retomam seu curso natural, indo de encontro ao inevitável processo de perpetuação da espécie, uma vez que a partir deste período o organismo humano já começa a processar o amadurecimento gonadotrófico (respectivamente das gônadas masculinas e femininas).

Nesta perspectiva é que vem a surgir a questão da sexualidade na adolescência, acompanhada das alterações hormonais e dos fatores culturais, caracterizando-se como um período que merece total atenção, tantos da parte dos pais, professores, mestres e também por parte dos próprios adolescentes, considerando que esta transição entre a fase adolescente para a fase adulta é uma fase de descobertas, de novas experiências, o que pode trazer [*grandes e graves*] problemas futuros para esses jovens.²

² BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.

Esta fase é marcada por intensos desafios em que o adolescente sente vontade de superá-los para provar seu valor e mostrar-se independente, como se isto conferisse-lhe poder junto aos demais e sobre estes, dizendo-lhes que é capaz de realizar algo que é proibido. Até mesmo a jovem adolescente que começa a ter vida sexual ativa não se vê como objeto, ela se julga uma mulher poderosa que sabe [muito] bem o que está fazendo, que está no domínio da situação. É este estado de não consciência de sua posição no mundo que representa o maior risco para o ser humano nesta fase de sua vida. Muitos pais e tutores não sabendo como lidar com esta situação, acabam por abandoná-lo, deixando-o entregue à própria sorte e é aí que os problemas se avolumam, porque, apesar de ser rebelde e resistente à autoridade, não consegue viver desprovido dela e ao ser abandonado afetivamente, sente-se como que perdido em meio a um mundo, sobre o qual não possui, ainda, o menor domínio; descobrindo-se alijado de tudo e na tentativa de buscar um apoio não encontra coragem para admitir que necessita de ajuda, o que vai transformando um problema relativamente simples, que se trata de conflito geracional, em um problema monstruoso, agora de ordem social.

Os impactos de cada desafio não solucionado é que vai transformando o adolescente rebelde em uma criatura feroz, que passa a desconhecer medidas e regras e que, por causa desta liberalidade parental e social que assomou a sociedade atual, acaba por transformar seu comportamento em uma perigosa arma de protesto, uma forma sutil e velada de vingança contra os seus pais, amigos e tutores, por tê-lo abandonado. Incapazes de realizar uma leitura do real, os adolescentes entregam-se ao fantástico mundo surreal que constroem para si, onde enxergam a si mesmos como todopoderosos. Tornam-se frias figuras indômitas, fechadas para quaisquer oportunidades de ajuda que venha do exterior e

de seu interior não conseguem enxergar a dimensão de sua fraqueza ante a vida e os problemas colocados pela mais simples existência. Esta situação [tão] singular não está vinculada à nenhuma classe social; todos, indistintamente, estão sujeitos a enfrentar este inferno, com a diferença que quando a criança tem uma estrutura personológica sólida, consegue superar, com menos dificuldade, estes desafios e estas intempéries; no entanto, se lhe falta uma condição de força com a qual possa contar desde sua infância, procura caminhos que não lhe são os melhores, porque os fins que apresentam-se-lhe são sempre de angústia e sofrimento. Por isto, procura evitar alcançá-los, por medo de terminar seus dias neste mar de dor e escuridão.

Não se trata de afirmar que a adolescência seja uma estadia no inferno a que todo ser humano está condenado a passar; trata-se de algo maior, uma etapa da vida que ainda é pouco explorada em termos de ciência erudita, repleta de pré-conceitos de todas as ordens e de igual forma de pós-conceitos, uma vez que é mais fácil julgar pejorativamente aquilo que não se conhece de modo objetivo e que poucos ou ninguém irá contestar, uma vez que se é, também, um ignorante sobre o assunto. Julgamentos sumários, em sua essência, são oriundos de mentes patológicas, desprovidas do menor senso moral, apressados em dar explicações para fenômenos de elevada complexidade científica, transmitindo auras de competência e sabedoria. Explicações fáceis são sempre bem aceitas, porque quem as recebe não precisa pensar sobre as mesmas, já chegam carregadas com muita objetividade e clareza, não deixando margens para outras reflexões mais acuradas e de maior profundidade.

O que fica patente acerca da adolescência é que possui diferentes configurações ontológicas, pois, muitas vezes, a sua representação está vinculada à classe social em que o adolescente esteja inserido. Nas classes altas da

sociedade, o adolescente se encontra em uma moderada fase de transição, assim como todos os outros, em qualquer cultura, seja ela civilizada ou não, mas é uma transição de novas descobertas para eles, sem muito ou pouco prejuízo; entretanto os das classes menos favorecidas passam por uma fase de transição também, mas é uma fase onde as responsabilidades começam a surgir, tais como: cuidar de seus irmãos mais novos, ajudar a família em sua situação econômico-financeira entre outras mais responsabilidades que não deveria ser desses adolescentes.³ Agrega-se a isto, o fato de que muito cedo travam contato com todo tipo de violência [*simbólica-física, doméstica e social*], enbrutecendo suas formas de encarar a vida, o que não raro, provoca um ódio contra tudo e contra todos, que não sabem porque o sente nem de onde vem, só sabem que sente e necessitam dar vazão a este sentimento. Isto ocorre porque não foram disciplinados para direcionar seus sentimentos de raiva e ódio, comuns e naturais a todo ser humano, para atividades socialmente aceitas, o que significa sublimar os acessos de fúria e tensão emocionais. Incapazes de controlarem-se, afogam-se em todo tipo de bebidas, no sexo, na violência e na delinquência, produtos de suas próprias incapacidades de solucionar os mais variados impactos que o abandono causa diretamente sobre os respectivos estados afetivos e emocionais do adolescente. Todas as variáveis devem ser pensadas objetivamente, porque nesta faixa etária é muito comum o retraimento que, muitas vezes é confundido com dissimulação.

Esta condição psicológica singular já esclarece para o fato de que não basta sustentar a empáfia de que *conhece tudo sobre adolescentes, sabe como eles pensam, que os*

³ BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.

entendem, porque assim já estará a cometer equívocos nos julgamentos, há de ter entendimento como seu pensamento funciona e como ele processa as informações que recebe do meio, sabendo que cada um poderá reagir de determinada maneira muito particular, onde o que pode ser considerado como um peso absurdo para um pode não o ser para outro e isto determinará os respectivos rumos de seus respectivos enfrentamentos existenciais.

No caso específico das adolescentes esta situação é ainda mais complexa, por ser naturalmente o sexo feminino mais vulnerável e sujeito a tipos específicos de violência, não implicando aqui que mesmo o ato sexual coital com o consentimento da menina não signifique um atentado contra sua condição natural de criança em desenvolvimento e sua psicologia ainda imatura, que não pode discernir entre um desejo abstrato e consciente e um perigoso engodo, uma maquinação de algum adulto sem caráter que utiliza de todo o seu charme, elogios, galanteios e outras formas de poder (econômico, autoridade, coação, chantagem) para abusar de menores. Quando alcançam este intento, ainda fazem uso de outras táticas para realizarem o ato sem o uso de preservativos, o que acarreta, entre outras situações, em gravidezes não programadas, o que chamam, vulgarmente de gravidez indesejada.

Esta expressão é um eufemismo, porque para ser considerada como indesejada, haveria que existir no campo em contradição, o desejo e ao menos o conhecimento dos riscos, coisa que em muitos casos não há, nem nem outro; a criança é, literalmente, uma vítima completamente indefesa.

Este é um tópico estranho e muito difícil de se tratar e alcançar uma compreensão plena do mesmo, porque o que uma adolescente solteira menos deseja é engravidar. Mas, resta saber se deseja praticar atos libidinosos, porque mesmo que algumas respondam que sim, há controvérsias

neste sentido, porque o desejo sexual volitivo não é algo tão objetivo que o indivíduo possa desejar e tomar as rédeas da situação como se fosse senhor absoluto de sua condição. A atração afetivo-sexual é uma situação que é extremamente complexa, em especial, no período da adolescência em que o indivíduo encontra-se dividido entre o desejo e a culpa e não sabe qual caminho seguir, optando por manter-se, na maior das vezes, à margem do primeiro, a fim de minimizar o peso do segundo sobre sua consciência.

O Estatuto da Criança e do Adolescente circunscreve a adolescência como um período da vida que vai de 12 aos 18 anos de idade, já a Organização Mundial da Saúde diz que a adolescência vai dos 10 aos 19 anos. Caracteriza-se como um período de mudança; seja dos 10 ou 12 anos de idade em diante ela continua representando uma época de mudanças físicas e psicológicas em que é acompanhada e caracterizada, principalmente, por alterações e diferentes graus de instabilidades das emoções⁴ e do comportamento de cunho afetivo, mais destacadamente, porque acessos de estados depressivos, timidez, alterações e outras variações de humor são muito constantes e cabe àqueles que detêm a guarda dos mesmos estar muito atento a estas flutuações emocionais, porque são nestes intervalos de insegurança que os problemas surgem e acumulam-se, uma vez que não recebem a devida e necessária intervenção didática.

S. Ferenczi (1873-1933) procurou chamar a atenção para este detalhe, porque em muitas das vezes a criança ou o adolescente dirige-se ao adulto em busca de proteção e seguridade, porque não compreende o que está a ocorrer-lhe com o corpo, com o seu pensamento, com os seus sentimentos e esta aproximação é, assim, entendida como

⁴ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência Normal: Uma Abordagem Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

um desejo passional-libidinal, gerando um tipo de agressão consentida, podendo ser interpretada, em alguns casos, como sendo de caráter consensual entre ambos, o que não é fato, porque de um lado, tem-se alguém a quem o amor já tomou uma compreensão feroz, selvagem, agressiva e de outro, está alguém que ainda encontra-se no campo da busca pela compreensão do que seja e como se dará a realização de si, em busca de um marco para mostrar como seguir por um caminho obscuro para o qual não se possui um mapa, nem um guia de confiança.

Por muitas vezes, tenta-se criar o discurso de que criou-se uma aura de misticismo envolta da adolescência, como se ela viesse e se apresentasse aos seres humanos envolta em uma cortina de mistério, poder, assombrações, distanciamentos e aproximações, transformando a todos os envolvidos no processo, de maneira direta e/ou indireta, em espectadores passivos e impotentes. Esta interpretação não contribui nem colabora em nada para auxiliar, efetivamente, os adolescentes na compreensão dos processos psíquicos e físicos que atravessam as suas existências particulares; e, por este motivo, o aconselhamento aos pais e tutores que, quando não souberem como enfrentar estes desafios postos que busquem ajuda especializada, assim, não construindo nem levantando barreiras entre eles e os jovens, porque à medida que distancia-se de seus pais, mais aproximam-se de outros tipos de caráter menos confiável, o que culmina em problemas ainda maiores que uma ação rebelde ou um enfrentamento psicológico. Esa ideia de que o adolescente é autônomo é a maior injúria provocada contra os mesmos e quando os pensadores e supostos especialistas criam tais impropérios, fica a dúvida acerca de quem estão, de fato, tentando agradar com estas suas suposições infundadas, ou talvez seja parte do processo de aliciamento que promete levar a sociedade à ruína de modo mais acelerado.

A adolescência, tal e qual a conhecemos na Era contemporânea, configura-se como um período transitório entre a infância e a idade adulta e esta fase da vida, pela qual todo ser humano está, inevitavelmente, condenado a passar, enfrentando maiores ou, às vezes, menores conflitos e enfrentamentos, constitui-se como um período clássico de transformações radicais, sejam elas físicas, psíquicas e, principalmente sociais. Daniel Becker afirma que “não há definição clara para seu ponto de início ou fim. Geralmente, a adolescência se inicia na puberdade, ou seja, através do processo que leva à maturidade sexual. Assim, considera-se puberdade, o período que ocorre a partir da menarca (1ª menstruação) nas meninas e a polução (1ª ejaculação) nos meninos, entendendo, desta maneira, que já possa existir a capacidade de reprodução”⁵, de maneira que ao falar em adolescência implica, já de certo modo, em uma referência direta ao biológico.

No entanto, esta afirmação que se transforma em uma espécie de crença é uma idiossioncrasia, porque a condição de aptidão para a reprodução segue outros ritos mais complexos e mais tardios, o que nos induz a pensar que esteja ocorrendo uma alteração brutal nos processos bioquímicos e, de igual forma, na estrutura endocrinológica humana, especialmente a partir do instante em que novos organismos foram incrementados em sua dieta.

Tendo como fundamento os vários estudos sobre o desenvolvimento biológico, fisiológico e cognitivo humano, define-se o início da adolescência como sendo por volta dos doze ou treze anos para o sexo feminino e treze ou catorze anos para o sexo masculino, períodos que coincidem com a menarca e a polução, mas com as variações de períodos e

⁵ BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 13. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 56.

idades em que tais ocorrem as referidas mudanças de comportamento em ambos os sexos representam o meio mais próximo de conceptualizar o início e o fim desta fase, porque há uma forte influência das condições climáticas nas manifestações destes fenômenos. Portanto, esclareço aqui que nenhuma definição dada como interpretação do começo e fim da adolescência pode ser interpretada como sendo de caráter arbitrário.

O que é arbitrário e descabido é a afirmação, por meio da *sabedoria convencional*, de que a presença de fluxo menstrual e também de líquido seminal caracteriza-se como condição imprescindível de aptidão e para a capacidade reprodutiva normal. A menstruação não é indicativo direto de ocorrência de ovulação na menina e nem no menino ocorre a produção espermática porque há ejaculação. Após a manifestação das primeiras regras, passa-se um período de, aproximadamente, dois anos sem que haja qualquer tipo de produção folicular e após este período, ainda tem-se um período de ovulação irregular, por mais, aproximadamente, dois anos, o que coloca a maturação gonadal de uma adolescente por volta dos dezessete anos de idade. Esta fase de irregularidades no aspecto reprodutivo da menina é denominado de *subfertilidade adolescente*. Com o rapaz, passa a haver produção de espermatozóides pelas gônadas masculinas (testículos), aproximadamente, um ano ou dois, após a manifestação da polução.

Quando uma criança segue um padrão normal de desenvolvimento, tanto do aspecto individual quanto no social, o adolescente não se sente atraído para o ato sexual libidinoso (ato genésico, em si), porque a natureza do gênero humano não tem como ser comparada com nenhum outro gênero no reino animal. O processo evolutivo natural que concedeu ao ser humano uma expectativa de vida, excessivamente longa, quando comparado com o animal do

qual originou, não foi tão somente um prolongamento de sua existência; ocorreu algo misterioso e maravilhoso, como que colocando uma nova existência sobre aquela que já existia, deixando à mostra uma nítida cicatriz em que, quanto mais se aproxima para enxergá-la, nota-se que se trata de uma nova existência, autônoma, unicamente vinculadas entre si pela existência de uma condição obscura e muito frágil de memória. Parece assim que, na experiência atual, refere-se, sobretudo, ao campo dos sentidos únicos dessa experiência contemporânea, de certo modo de subjetivar-se. A própria natureza, no curso de desenvolvimento ontogenético do gênero *homo* cuidou de fragilizar os laços mnemônicos entre sua primeira existência e as posteriores. Por qual motivo o fez é um mistério difícil de ser esclarecido, mas que guarda em si um motivo pragmático.

A adolescência passou a ser percebida como uma cena de evolução crucial na construção das suas narrativas pessoais e da sociedade. No tocante ao individual, gerou a possibilidade de estes mesmos indivíduos atuarem de modo irresponsável e lançar a sua culpa sobre sua condição de imaturidade. Referente à sociedade, esta encontrou uma forma de não esforçar-se o suficiente para auxiliá-los, o que evita, se não minimiza, qualquer tipo de conflito potencial, bem como deixa livre para que os adultos possam explorar esta condição como que para lançar sobre eles toda sua ineficiência contra os delitos e mazelas sociais. Ao mesmo tempo, naturaliza-se a adolescência como um determinado período essencial para o crescimento do indivíduo e para o desenvolvimento da sociedade na medida em que os jovens constituem focos de mudanças.

A adolescência é um período de turbulências que afetam, não apenas aos próprios adolescentes que, por ela passam, como também aos pais e educadores, por diversos fatores a elencar, a mudança corporal abrupta, o desejo de

independência, os quesitos vinculados à estética, o fato de não ser nem adulto nem crianças mais e liga-se a isto, as tendências da moda, as ofertas de sensualização infanto-juvenil colocadas sem piedade pelos meios de comunicação formais, a [*então quase*] obrigação de buscar um estado de independência contrastando com uma condição de timidez exagerada que, por vezes levam-nos de um extremo a outro em seus modos comportamentais, em especial, no sentido de não saberem lidar com a própria beleza e a vaidade, não deixando de lado que enfrenta ainda a transferência do processo de conflito edípico de um objeto de amor libidinal incestuoso para outro que não seja proibido socialmente, o que juridicamente, se traduz como uma forma de relação afetiva que seja reconhecidamente válida.

Na adolescência, o relacionamento dos filhos com os pais é bastante abalado, a começar pelo questionamento que o jovem faz em relação a valores, estilo de vida, fé, ideologia etc. Esse questionamento, geralmente cria um ambiente de tensão familiar. Os pais, muitas vezes, sentem-se ansiosos e desorientados, sem saber como lidar com seus filhos. Para ambas as partes [*pais e filhos*] ocorre um luto, doloroso, porque a perda de autoridade dos primeiros sobre os segundos é entendida como uma separação, uma cisão para a qual não há como religar. Para o adolescente, é uma perda também, muito dolorosa, porque embora sinta que necessita libertar-se do jugo paterno a fim de formar sua própria identidade individual e social, sente necessidade de ter para si todos os cuidados que, sem os quais sente-se desprotegido. E é neste embate psicoemocional que reside o verdadeiro conflito geracional, deixando transparente que todo conflito não é uma situação externada, trata-se de uma confusão interna entre o querer manter-se ligado ao objeto de controle e o não querer libertar-se deste por motivos que

somente o próprio indivíduo pode responder à altura da verdade e do conhecimento de causa objetiva.

Na fase de busca por reconhecer-se e por sentir-se reconhecido como ser, como membro efetivo de um corpo social, procura diversos enfrentamentos, desestruturações e discussões, muitas vezes, acaloradas com os pais. Nestes instantes, que podem ser considerados como momentos de rupturas, o adolescente passa a dar grande importância ao grupo de amigos e muitas das vezes identifica-se com as experiências pelas quais seus amigos estão passando. É muito comum, dentro do grupo de amigos, o surgimento de namoros e experiências sexuais [*com ou sem coito, hetero e/ou homossexual*]. A sexualidade é algo imperativo na adolescência, os sentimentos são todos vividos com enorme intensidade e o jovem, ainda imaturo, não sabe como lidar com ela e seus impactos. Os estudos e as orientações quanto ao desenvolvimento da sexualidade e os cuidados referentes a ela, são de extrema relevância para entender o amadurecimento de um adolescente.⁶

No caso específico das meninas, esta ação torna-se de maior necessidade porque a começar que estão mais vulneráveis aos aspectos da estética, fato que gera algumas situações de abdução por meros elogios falsos e ainda situações de agressões severíssimas, pelo mesmo motivo. Ser muito bonita ou ser muito feia são condições perigosas para adolescentes. Outro agravante é a questão da saúde sexual desta criança no seu tempo futuro, como quando ocorre a defloração e em que situações, deixando bem evidente que uma adolescente não decide sobre sua vida sexual com total autonomia. Agrega-se, ainda, a questão da possibilidade de uma gravidez precoce, não planejada e não

⁶ BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.

desejada resultando em situações de conflitos, depressão, suicídios e outros tipos de violência recorrentes, que podem ser originadas pela própria contra si mesma ou por terceiros, motivados pelo medo de uma possível denúncia pública que poderia colocar em risco suas condições de *statu quo*.

O apoio da família e dos tutores deve acontecer no sentido de prevenir, educar e orientar corretamente acerca da sexualidade e sua destinação no ambiente social, como o indivíduo deve relacionar-se com ela, sempre partindo do pressuposto de que, com estas intervenções se possa evitar ou conseguir administrar, de modo equânime, todas ou a maioria das situações de desconforto futuras, que *podem* ocorrer, caso não se tenha dado a devida atenção para esta criança no momento mais oportuno, compreendendo que a família é o primeiro modelo social, portanto, representa um referencial para que o adolescente possa enfrentar o mundo e as experiências que ainda estão por vir, em sua existência e que irão atavessá-lo, de uma maneira ou de outra. Daí a necessidade de diálogo entre pais e filhos para que estes não busquem informações erradas ou incompletas com amigos ou parceiros que também não detêm conhecimento suficiente ou quando o possuem, podem utilizá-lo de forma a poder explorar as meninas, a seu bel prazer.

Para um efetivo empenho no combate a este mal, as próprias famílias devem estar estruturadas no sentido de que possam conferir adequado suporte emocional às suas filhas. Para um desenvolvimento psicofísico adequado por parte da criança, ela necessita de sentir-se protegida pelos seus genitores e isto, na maior das vezes, passa pela imposição de regras explícitas e de autoridade sobre a mesma. Esta condição de rigor, esta disciplina não pode estar ligada ao medo paranóico do que a criança venha a fazer, mas para que se situe com reserva ante o mundo selvagem que a cerca e que não a enxerga como alguém,

mas como um objeto de prazer sensual. Do outro lado, cabe à sociedade oferecer suporte para que as crianças não sejam colocadas à disposição da maldade de alguns poucos indivíduos e ainda seja acusada de ser a culpada por sua ruína. Muitas vezes, a inocência das crianças as conduzem a situações de conflitos, expondo-as a abusos, como por exemplo, a caráter único deste trabalho, a atividade sexual precoce, porque entende-se aqui, que nenhuma adolescente inicia-se na vida sexual, antes é iniciada de uma forma que contraria seu desejo volitivo, sendo raros os casos em que se defronta com raras atitudes diferentes. Infelizmente, nem sempre os casos relatados são desta forma tratados pelas autoridades competentes, levando a menina a assumir uma culpa para a qual não encontra-se preparada, muito menos, estruturada psicologicamente.

A adolescência não pode nem deve ser interpretada pela sociedade como um estorvo maldito para o qual não encontra-se solução e por este motivo, ninguém prepara-se para auxiliar a jovem em sua jornada desenvolvimental, antes para suportar os transtornos que virão e manter-se calma, porque chegará a hora em que tudo isto irá acabar. Tais posturas somente afastam os pais das suas respectivas responsabilidades, tidas e reconhecidas como *naturais* e os adolescentes de seus tutores, criando condições ideais para que fantasmas e monstros [*os mais diversos e perversos*] os assombrem e ainda que os pequenos os dominem, quando não conseguem mais suportar o peso do abandono afetivo oriundo de seus mestres, se chafurdem nas drogas e em outras causas bizarras. Não se trata de super protegê-los, mas de cuidar para que não se sintam impotentes e muito menos que sintam que são super potentes ao ponto de desejarem enfrentar a vida por si só e acreditarem que estão prontos para tal desafio.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A gravidez na adolescência é problema recorrente na atualidade, porque a jovem que ainda é, em muitos casos, uma simples criança crescida, portanto, sem o mínimo de preparo para a vida futura que a aguarda, agora como mãe, vê-se de um momento para outro na iminência de recorrer a um trabalho, cuidar de um filho e para tanto, acaba por ter de abandonar seus estudos, ainda incompletos. E esta é uma situação que afeta a ordem natural das coisas porque uma vez que a educação básica é obrigatória a todos, a ocorrência da evasão escolar, por motivo que seja, é um paradoxo ao sistema educacional, ainda que este seja por motivos de força maior. Por isso, todos os cuidados ligados à infância e à adolescência tornam-se questões de ordem social e, conseqüentemente, obrigação do Estado e ainda preocupação dos diversos órgãos de investigação científica, que deveriam elaborar pesquisas que mostrassem, com maior clareza, quais os mecanismos podem e devem ser usados nas soluções do problema.

Engravidar na adolescência é, por sua vez, uma atitude, via de regra, que não é planejada, nem intencionada e [geralmente] não desejada, passível de conflitos externos (sociedade: escola, família, amigos) e conflitos internos (psicológicos: depressão, medo, profunda insegurança). Isto tudo ocorre porque a situação [quando ocorre] provoca um choque de realidade em que a *ainda menina* descobre que não é inatingível e invencível pelos violentos arroubos que a existência oferece como prêmio ou castigo aos mortais, e aos poucos percebe o mundo caindo a sua volta, como um castelo cartas e ela, impassível, assiste a tudo, assombrada. De uma hora para outra a toda poderosa criança vê-se acuada a um canto, sem saber como enfrentar a vida que descortinará a sua frente, agora como uma mãe e não sabe

como será a postura de seus pais e muito menos se seu companheiro irá ou poderá assumir os cuidados da criança junto com ela. Ideias as mais nefastas perpassam por seus pensamentos, sem que indiquem-lhe uma maneira [*qualquer que seja ela*] de enfrentar a situação.

Nem sempre, tudo que está descrito nestas linhas acima, se confirma, porque pode haver que a menina já alimentasse desejos de ser mãe precocemente. Não raro, encontra-se casos em que isto mostra-se presente e toda a postura da criança está vinculada a esta ideia e quando se confirma seu anelo, nada a assombra e mesmo as suas amigas, que venham a afastar-se, para ela não faz *tanta* diferença quanto faria se tivesse, por acaso, sido vítima de uma situação, em que a gravidez se mostrasse como uma sentença de morte, com uma carga elevada de culpa, por ter atentado contra um costume.

Há que esclarecer que a gravidez na adolescência não é considerada um *tabu*, não é tratada como a condição de quebra de um valor moral que deve ser respeitado sob regras estritas. No entanto, a virgindade é um *tabu*, algo sagrado que a fêmea humana deve [procurar] preservar até a condição de matrimônio e quando ocorre de a menina contrair gravidez antes do termo do casamento formal, aí ela incorre em um crime antropológico, o qual não está prescrito na ordem dos procedimentos criminais previstos em alguma lei específica [*exceto em alguns países mais tradicionais e conservadores de seus preceitos morais históricos, em que suas leis prescrevem penas e sanções para a jovem que infringir os costumes de seu povo e mesmo em algumas famílias*].

Com o afrouxamento de uma gama de costumes sociais tradicionais, em que tem-se permitido aos jovens de ambos os sexos experimentarem aventuras para além do que estão de fato preparados, os casos de gravidez precoce

tem aumentando de forma vertiginosa, especialmente nos países ocidentais, o que foge aos padrões de organização para uma sociedade voltada para o bem-estar social. E, os índices dessa situação vêm aumentando constantemente, considerando várias pesquisas em variados países, mesmo naqueles considerados como evoluídos em termos sociais, econômicos, educacionais e financeiros e outros em que as mulheres gozam de maior autonomia sobre seus respectivos corpos, como a legalidade irrestrita ao aborto.

Os problemas têm se agravado pelo fato de que os princípios de respeito às tradições estão se enfraquecendo de modo abrupto a cada momento da nossa história. Com o levante de ordas de pensamento libertino, que desejam colocar todos contra os [supostos] ideais de conservação dos costumes [*que classificam como*] arcaicos e não uso esta expressão como pejorativo, antes por sua existência que se perde nas sombras do tempo de tão antigas, em que a procriação estava vinculada a uma determinada idade, porque os xamãs, os oráculos e os sacerdotes sabiam bem que tudo que fosse dado antes deste tempo de maturação biológica natural estaria condenada ao insucesso, assim, provocando mortes e perdas importantes para o clã e a tribo, cuidavam de respeitar os termos da sua fiel tradição. Respeitar as normas impostas pelos oráculos era visto pelos membros da tribo como ato de sabedoria e de virtude. Na atualidade, respeitar os preceitos médicos e clínicos [*que representam os oráculos do nosso tempo*] é tratado como idiotice, porque estes doutos cientistas estão repetindo os mesmos clamores dos sacerdotes da Antiguidade, ou seja, creem, estas almas insossas, que o que eles pregam, os [chamados] higienistas é nada mais do que um moralismo travestido de ciência. Com isto, fica evidente que, na guerra ideológica contra os valores tradicionais vale tudo mesmo, até mesmo ignorar os anos de estudos e de conhecimentos

técnicos aplicados à garantia da saúde das mulheres, em especial às gestantes.

Ocorre que, a natureza, em sua sabedoria infinita, que visa a proteger a vida acima de tudo, sabe bem que o corpo humano não encontra-se apto à reprodução antes de por termo aos respectivos processos de amadurecimento hormonal e tal somente ocorre, por volta dos 18 anos de idade, ou seja, antes disto, ele não está preparado nem mesmo para ter relações sexuais genésicas, porque tal ação pode levar a muitas interpretações equivocadas do sistema endócrino e ocasionar em respostas contrárias ao que deve ser e, assim, produzir situações de produção hormonal que conduzirão à gravidez precoce, contrariando as expectativas e os conhecimentos alcançados pelas ciências médicas.

A gravidez na adolescência é um assunto que não deveria constituir problema, muito menos ser discutido, uma vez que não deveria existir, sob nenhuma hipótese. Ocorre que, no entanto, vemos às voltas com este emaranhado de situações, cada qual cada vez mais e mais problemática e não porque haja interesse nas adolescentes em contrair gravidez, mas pelo simples fato de terem iniciado suas vidas sexuais de maneira muito precoce, como se isto fosse um direito que lhes cabe como senhoras de si e de seus corpos *[mais precisamente, seria mais claro e distinto definir que foram iniciadas, violadas em seus direitos de serem crianças e adolescentes inocentes até o momento em que a própria natureza decidisse que pudessem tornar-se mulheres]*.

Não existem números ou índices aceitáveis para tal situação, porque uma vez imatura para o devido processo de gestação, isto não é uma decisão que cabe a nenhum mortal e sim, algo que faz parte de um desenvolvimento biológico do gênero humano. Com isto, já ficando evidente que não há nem pode haver qualquer tipo de conjectura

[*moral e/ou científica*], que possa justificar tal situação, vã nos dias atuais.

Deve-se buscar compreender, ainda, que a condição de gestante exige da mulher um conjunto de cuidados muito específicos, os quais o corpo de adolescente ainda não está preparado para atender a *contento* e de acordo com a necessidade que a condição de gestante assim exige. Por este motivo que, todo o empreendimento na tentativa de explicar que se for tomado os devidos cuidados que os dois, mãe e filhos, ficarão bem, tudo isto não passa de conversa sem sentido, tentativas injustificadas de fazer valer algo que está completamente fora da razão natural de ser. O princípio natural foi violado e assim, toda gravidez na adolescência enquadra-se como uma gravidez de risco, entendendo por esta expressão técnica que exige maiores cuidados e mais atenção por parte daqueles que cuidam de sua saúde.

Segundo Dráuzio Varella, no ano de 1990, cerca de 10% das gestações ocorriam na faixa etária de 12 a 19 anos.⁷ No ano de 2000, portanto, apenas dez anos depois, esse índice aumentou para 18%, ou seja, quase dobrou o número de mulheres que engravidam entre os 12 e os 19 anos de idade. Agrava-se o problema, porque geralmente estas meninas já vivem em condições muito precárias de subnutrição, em submoradias, famílias desestruturadas, com baixíssima escolaridade, sem emprego e para piorar o que já era, por demais ruim, os pais destes filhos que elas estão esperando não assumem-nas e às crianças, deixando-as, mais uma vez, na berlinda da vida.

Ademais, a menina que encontra-se nessa fase da vida, marcada por mudanças físicas e mentais, não está

⁷ VARELLA, Dráuzio. Gravidez na adolescência. *Entrevista com a Dra. Adriana Lippi Waissman*. 5 de outubro de 2011. [Revisado em 20 de maio de 2018]. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas>. Acesso em 27 de julho de 2018.

suficientemente preparada para um processo de gestação; por vezes, nem faz ideia do que seja isto. Muito tem-se falado, mas a falta de dados científicos sobre as percepções destas gestantes sobre seus respectivos estados físicos e psicoemocionais, coletados por instrumentos mensuráveis, que apresentem uma elevada confiabilidade investigativa, tem dificultado os trabalhos dos agentes públicos que atuam neste campo e mesmo a elaboração de políticas públicas eficientes e eficazes neste sentido. Desta forma, parte-se do pressuposto de que ao ter-se dados comprovados técnica e cientificamente, os trabalhos em rede de suporte psicológico e assistencial poderão ser mais bem delimitados e ajustados às reais necessidades que apresentam-se a estas jovens que vem a tornarem-se mães, precocemente.

Não se pode prescindir do fato de que a gravidez na adolescência tem se tornado um problema de saúde pública e também um problema social, o que exige a intervenção dos poderes públicos na elaboração de sólidas políticas sociais efetivas, eficientes e eficazes para atender a este novo contingente social que termina vindo carregado de muitos desafios adjacentes, como, por exemplo, condições de vida e dignidade para mãe e filho que, na maior das vezes, são abandonados à sua própria sorte ou azar, e tal ocorre não porque a família assim o deseja ou impõe tal condição a ambos, mas porque existe, já desde tempos imemoriais, um estigma que pesa sobre as mães solteiras e quando a criança se vê neste mesmo sarcófago, a sua primeira reação é fugir, não sendo uma fuga literal, mas uma espécie de fuga que a afaste do olhar inquisidor que ela mesma coloca nos olhos dos seus superiores e daqueles que poderiam oferecer-lhe algum tipo de ajuda. Este é o pior desafio para quem trabalha com este tema, porque mesmo que a criança ou a adolescente seja vítima, ela não se reconhece como tal, ficando dividida entre a condição de

vítima e de culpada pelo que aconteceu, por motivos muito mais fortes que ela mesma. Sendo assim, a primeira ação a ser tomada é a de amenizar seus sentimentos de que sua ação pode ou deve ser tratada sob o juízo de culpado e inocente. Uma vez esta parte da situação tenha sido posta à luz da razão, surgem outros desafios, que é fazer com que esta mãe [*imatura e despreparada para o ofício*], entenda que há um novo ser à espera, que deve ser bem recebido, bem tratado e bem conduzido pela vida futura como *sujeito de direitos*, o que é um desafio não superável, porque esta jovem já teve seus direitos como ser humano já usurpados e nada que se possa fazer a partir de então poderá devolver-lhe a dignidade perdida. Logo, o que ela pode conceder a outrem, se ela mesma ignora, como ente? É neste sentido que surgem preocupações com a sexualidade das crianças e adolescentes, porque uma vez perturbada em sua carga endocrinológica, que deveria permanecer adormecida até certa idade mais madura, ninguém sabe, ou ao menos pode prever, o que poderá acontecer a partir de então. Por este motivo é que a gravidez precoce é uma das ocorrências mais preocupantes quando relacionadas à sexualidade das adolescentes.

No Brasil, a cada ano, cerca de 20% das crianças que nascem são filhas de adolescentes, número este que representa três vezes mais garotas com menos de 15 anos de idade grávidas em relação ao que ocorria que na década de 1970 do século passado.⁸ A grande maioria dessas adolescentes não tem mínimas condições financeiras, nem emocionais para assumir a maternidade e, por causa da repressão familiar, muitas delas fogem de suas casas e quase todas abandonam os estudos e como consequência

⁸ BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens*. Brasília, 2006.

de tal ato desmedido destas jovens mães é quase sempre viver em condições de ampla miséria, servidão [*beirando à escravidão moderna*], quando muito em subempregos, o que resulta em subsalários e, como eixo vital do ciclo pernicioso, traduz-se em subcondições de vida para si e para o filho que esperam.

A *Pesquisa Nacional em Demografia e Saúde*, de 1996, mostrou um dado alarmante; 14% das adolescentes já tinham pelo menos um filho e mulheres jovens mais pobres apresentavam taxa de fecundidade dez vezes maior quando comparada com as adolescentes de classe média e classe média-alta. Entre as garotas grávidas que foram atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no período de 1993 a 1998, houve aumento de 31% nos casos ocorridos de meninas grávidas entre 10 e 14 anos de idade. Nesses cinco anos, 50 mil adolescentes foram parar nos hospitais públicos devido a complicações por abortos clandestinos. Quase três mil deste contingente estava na faixa etária entre os 10 e os 14 anos.

Aqui surge uma questão de difícil trato, porque não há como pensar, de modo razoável, uma menina de 10 anos de idade já gestante. Seu corpo não tem sequer a mínima condição para tal, porque falta-lhe volume de tecido adiposo para garantir a questão da menarca e da ovulação, no entanto, a menor gestante está lá, como um fato indicustível. Fica-se, neste caso, vinculado a uma interpretação de abuso contra esta criança e mesmo de falta de proteção, por parte de sua família, que assim permite que esta seja colocada sob risco de morte por sua condição. E o que mais agrava esta situação é saber o que motivou seu organismo a manifestar condições reais de ovulação e seu consequente ocasionamento. Porque, é tão somente por meio de uma estimulação mecânica intensiva isto pode tornar-se possível,

querendo afirmar que a criança já vinha sofrendo abusos sexuais desde idade muito precoce.

Não faltarão *Gênios libertos de alguma Lâmpada Maravilhosa* ou de alguma garrafa, que irão expressar as mais diversas teorias mirabolantes a fim de convencer as pessoas de todos os níveis intelectuais e para minha maior vergonha são as de mais alto grau acadêmico as que mais irão acreditar em tais disparates acerca da gravidez super precoce de crianças. Só faltam admitir, ainda, que a menina engravidou por puro azar e quando dizem isto não estão utilizando aquelas expressões de esqueceu de tomar a pílula ou não utilizou o preservativo ou a tabelinha falhou; seus pensamentos são de tentar convencer o público de que o universo todo conspirou contra aquela pobre e indefesa alma inocente e pura [e, quando se ouve tais exclamações, não se sabe acerca de quem estão fazendo referências... se à criança-vítima, se ao abusador]. Acontece que foi um único [ou mais] vagabundo, sem caráter, quem abusou da criança e um sem número de vezes, mas, que todos irão engolir a história de que foi uma única vez. Fica a impressão de que todos, sem exceção, querem, de fato é proteger o sacripanta adulto que molesta a criança. A punição nestes casos deve ser extremamente pesada e exemplar para que desencoraje tantos outros a praticar o mesmo tipo de crime hediondo.

A questão da gravidez é um ato simbólico de poder, de um sexo sobre o outro; logo, o que se trabalha neste ponto é acerca da condição de que a sociedade colocou um determinado limite [empírico] para que a sua manifestação não despertasse a ira pública e isto torna-se um problema quando a criatura que adentra este espaço é alguém que não possui estrutura psicológica suficiente para suportar o peso da violência com que se é cobrado o rompimento do contrato social. Existe algo muito além do fato da menina

adolescente contrair uma gravidez e de todo o discurso social de que não possui emprego, sem uma estabilidade emocional, alguém que a ajude a cuidar do rebento e outras coisas mais que ultrapassam a lógica. A começar que a gravidez é uma forma de privilégio exclusivamente feminino, no entanto, sua condição de acontecimento não é assim tão natural e espontânea como se gosta de expressar, estando presente infinitas variáveis intangíveis que marcam espaço para que tal ocorra. Uma mulher grávida desperta a inveja natural e primitiva de suas amigas, especialmente aquelas que já estão com o útero seco e improdutivo e é nesta seara que a adolescente vai enfrentar seus maiores desafios e seu principal combate. Como sói de acontecer, não encontra suporte adequado nem dentro de si, muito menos fora de si e o que resta é uma criança totalmente perdida, desolada, que necessita de estar em condições psicológicas ideais para receber um novo ser que irá depender de cuidados especiais em todos os sentidos. Termina por não ocorrer e o fim da história é um ser humano que não se encontra desde a mais tenra idade, porque veio ao mundo sem o menor preparo por parte de seus pais.

A gravidez na adolescência engloba vários riscos, dentre todos, destaca-se o que marca o desenvolvimento corporal e psicológico, ainda incompleto, aliado ao fato de que geralmente o pai do futuro filho ou é um homem casado que não pode assumir a ambos ou um delinquente juvenil que não tem emprego fixo nem condições financeiras e/ou psicológicas para conferir qualquer tipo de suporte à mãe e ao rebento. Disto tudo, sobra uma mãe desnutrida, sem estrutura física e psíquica, vivendo junto às suas respectivas famílias, muitas vezes espremendo-se em barracos, tendo que sair todos para trabalhar e quando não muito a futura mãe adolescente se vê obrigada a suportar todos os olhares acusadores dos outros membros da família, porque tornou-

se um peso para todos. Ela que poderia sair junto para buscar algum recurso para o lar, fica em casa, por causa de sua condição e ainda deve ser alimentada pelos demais. Isto é muito estranho para a criança, porque de uma hora para outra, ela que era a criatura mais adorada da família transformou-se, sem perceber, *na velha bruxa má e cruel* da história, aquela que é odiada por todos [*sem a menor exceção*] e estes, óbvio, desejavam vê-la morta, uma vez que ela tornou-se a causa de destruição dos sonhos de todos na família.

Gravidez na adolescência é um assunto polêmico que, no entanto, ocorre com muita frequência em todo o Brasil, principalmente nas classes menos favorecidas, mais inferiores em potencial econômico. A gravidez que ocorre nessas circunstâncias ocasiona diversos problemas sociais, físicos e, também, psicológicos. Já que quando ocorre muito precocemente, a adolescente não encontra-se preparada para essa nova fase em sua vida e acaba se perdendo dentro de um novo mundo, o mundo *adulto*. Portanto, esse assunto é de fundamental importância para conhecimento dos problemas [*de diversas ordens*] que a gravidez traz às adolescentes, pois a partir do conhecimento sistemático dos malefícios e consequências resultantes desta problemática, muitas pessoas passam a rever seus conceitos e multiplicar seus conhecimentos, podendo assim diminuir os números estatísticos, que atualmente são altíssimos.⁹

A desinformação de todo o grupo aliado à atitude de rebeldia das meninas adolescentes pode ser apontado como o maior dos problemas a ser enfrentado. Tornou-se muito fácil para as meninas agirem de modo irresponsável, porque no instante em que contraem gravidez assumem a postura

⁹ BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens*. Brasília, 2008.

de vítimas e se os pais se negarem a ajudá-las, cabe a intervenção estatal, como se isto resolvesse as situações de conflito. Não se pode render aos ditames sociais de que as adolescentes estão mais bem preparadas e empoderadas, com altivez e tomadas de decisões sobre seus respectivos destinos. Esta crença pueril por um lado, que parte de uma análise superficial, tendo como fundamento as inovações e os avanços tecnológicos deste século, o que permite uma maior conexão com as informações, e por outro lado, tem-se uma visão satânica de mundo, que terminou por colocar os pais em uma situação de completa impotência e inércia ante seus filhos em desenvolvimento.

O resultado disto tudo é uma situação conflituosa entre o dever dos pais de dar guarida a suas filhas menores e a decepção de serem postos em condições de terem que cuidar de outro ser que chega sem a menor condição de ser devidamente preparado para um mundo que se encontra já pronto e desafiador. Sem contar que haverá sempre os conflitos diretos entre a mãe e a avó, esta última que se torna mãe duas vezes, pois cabe-lhe o cuidado a dispensar a duas crianças, cada uma delas mais irresponsável que a outra e fica-se sem saber quem é vítima de quem, porque a criança não pediu para nascer; no entanto, representa um ato de inconsequência da mãe que, assim como ele pode ser, também, uma vítima da inconsequência ou da maldade deliberada de alguém e é em meio a esta condição de vida social que este novo ser irá crescer.

Quanto à mãe adolescente, não terá aprendido sua lição, sempre acreditando que é uma pessoa esperta, super poderosa, inteligente e experiente, que sabe como enfrentar o mundo e o que ocorreu a ela foi somente uma condição de azar; mas, que não ocorrerá novamente, porque já sabe como fazer as coisas e evitar a má sorte. E em meio a esta sandice esquizóide os problemas somente se avolumam,

porque surgem outros filhos e ao final se descobre que esta criança é apenas uma criatura guiada pelo princípio do prazer, pelo seu ego imaturo.

A estas meninas deve ser dado o máximo de suporte e mesmo de imposição para que compreendam que o mundo não é um espaço aberto para suas realizações mais absurdas e que depois de tudo ainda podem contar com a sorte de terem pais que as apoiem em todas as suas tragédias vividas. Além do aconselhamento, há que impor sobre elas uma condição de autoridade pesada, austera e direcionada para que possam buscar um objetivo para além de si mesmas em suas vidas presentes e futuras.

No entanto, sempre às voltas com suas aventuras desmedidas, terminam condenando a si mesmas e aos seus filhos a um estado de miséria espiritual com o qual terão que arcar com as consequências e, assim, não haverá, no futuro, alguém que as dê suporte e caso isto ocorra, o preço a se pagar é bastante elevado, estando todos condenados a sofrerem sob o peso da rapinagem de pessoas que não possuem o menor escrúpulo ou respeito pelo outro.

A condição de gravidez na adolescência tolhe tudo o que a jovem poderia sonhar, condenando-a a crer na sorte para que possa alcançar alguma sustentação sólida na vida. “Do ponto de vista das expectativas sociais que recaem sobre essa etapa vital, prevê-se que, idealmente ao menos, o investimento maior esteja alocado na [suposta] carreira escolar, entendida como pré-requisito para uma inserção no mercado de trabalho em melhores condições [de apostas]. Essa passagem possibilitaria a emancipação do jovem frente à sua família de origem, permitindo, simultaneamente, a constituição de sua própria casa e família.”¹⁰

¹⁰ HEILBORN, Maria Luiza *et al.* Aproximações Antropológicas Sobre Gravidez na Adolescência. Revista *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 8, n.17, p. 13-45, junho de 2002, p. 22.

A perda destas condições ideais para se estudar e seguir uma carreira pode vir a ser fator de transtornos para a adolescente que, aos poucos começará a ver todas as suas oportunidades sendo preteridas e seus sonhos postos de lado, por causa do filho e tenderá, não sem muita dificuldade em culpar o rebento por suas perdas, como se ele estivesse dotado, desde sempre, do poder de impedir-lhe a felicidade e a realização de seus empreendimentos. Este talvez venha a ser uma das razões com que estas crianças venham a tornar-se mães precocemente, algo como se suas mães desejassem e conspirassem para que isto lhes acometesse e fossem privadas das oportunidades sociais, como elas próprias o foram, um dia, o que caracterizaria, tal atitude, como um ato de vingança inconsciente contra as filhas. Isto ajudaria a explicar o ciclo vicioso que tem marcado a vida destas meninas adolescentes, em que na maior das vezes, a mãe, a [agora] avó, contraíram gravidez precocemente e terminam assim não compreendendo o real presente em sua dimensão humanística e assumem certas posturas de ódio e repulsa contra suas filhas. Não existe muito o que discutir nestes campos, porque todas as argumentações terminam sempre no plano da suposição e estas mulheres quando interrogadas diretamente, alegam ser apaixonadas por suas filhas, mas basta aplicar-lhes um teste mais subjetivo para descobrir, por meio de seus atos falhos que, na verdade, as odeiam, por causa de todas as oportunidades perdidas e inconscientemente acusam suas respectivas filhas de serem as responsáveis diretas por seus próprios fracassos sociais e existenciais. Lastimável tal situação, mas isto é o que, de fato, representa a essência humana, em sua essência mais profunda e cristalina.

O que não se pode perder de vista é que a criança não tem culpa alguma de ter nascido [*dentro ou fora de uma união estável, com pais responsáveis ou não*] ou como diria

Nietzsche (1854-1900), acerca de que nenhum ser humano poder culpabilizado por sua existência; no entanto, na arte, na literatura, no cinema, isto até que funciona, mas na vida real, as coisas são bem diferentes e ocorre que inúmeras mães não fazem nada mais que transferirem para suas filhas toda a culpa que carregam por terem fracassado na vida e mais profundo e pior, por sentirem que foram punidas pela vida por causa de suas condições de gravidez(es) indesejadas. Sentem-se como se tivessem cometido um crime hediondo e por tal foram severamente castigadas [*lembrando que a palavra castigo quer dizer retribuição*] e tal sentimento neurótico de culpa as coloca em uma via dupla sobre a qual não sabem como discenir e de igual forma, qualquer delas que siga vai encaminhá-las para um abismo negro sem fim, isto porque não tiveram preparo acadêmico, científico, nem suporte de espécie alguma para direcioná-las sobre as formas de tomar decisões maduras e mais que isto, como educar dentro de pretensos valores e princípios de formação humanística. Estas mães [*todas ou em sua maioria quase absoluta*], despreparadas intelectualmente, terminam por empurrar suas filhas para um abismo moral que acarretará consequências drásticas ou para um abismo imoral, onde as consequências serão mais terríveis ainda que no primeiro caso. O que se tem, ao final de tudo, é uma adolescente vítima de uma figura louca, bizarra, porque não conseguiu resolver-se psicologicamente, com relação à sua própria sexualidade.

Tomando este princípio de análise como ponto de partida, a falta de informação nem sempre é o que falta para estas adolescentes; muitas vezes o que ocorre é a falta de interesse e perspectiva sobre o referido assunto, sobre os malefícios trazidos pela atividade sexual precoce. Apenas querem desfrutar do que é prazeroso [*ou ao menos assim acreditam que seja*] sem medir as consequências advindas

de tal experimentação o que se torna perigoso. Em muitos casos, “a gravidez das adolescentes é tida como problema pelas famílias, ancorando, a princípio, esse julgamento nas próprias experiências prévias e com outras adolescentes de suas famílias.”¹¹

Na interpretação desta autora, as mães julgam os sentimentos de suas filhas, tomando como princípios os desafios que elas mesmas passaram, sendo ou não, mães adolescentes. No entanto, há outros pensamentos que as invadem, que é a questão de enfrentamento da superação social na vida, que, exige das mulheres maior versatilidade e capacidade de deslocamento, fato que não se torna [tão] possível quando se conta com a presença de um filho ainda bebê ou mesmo com a condição de gestante, agravada pelo fato de ser menor de idade.

É natural que as respectivas mães destas, se sintam assustadas, porque já realizam a leitura de um mundo que se torna a cada dia mais e mais complexo e a chegada de um alguém inesperado na família, somente faz o orçamento ser mais encurtado, arroxando as condições de vida da mesma. Nem sempre a adolescente faz esta visão e sente-se acuada e acusada por seus familiares como se tivesse cometido um crime hediondo, o que a faz, semelhante ao que fez sua mãe, quando prenhe de si: odiar o rebento, ainda mesmo antes de que venha a nascer e o que ocorre [quase sempre] em seguida são várias tentativas de abortos [clandestinos] que terminam com mãe e filho em situações muito complicadas ou tentativas de suicídio [marcadas pelo sucesso ou não].

Esta análise da situação social das gestantes em fase de adolescência nos mostra que o assunto é bem mais

¹¹ SILVA, Lucia; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. A Gravidez na Adolescência Sob a Perspectiva dos Familiares: Compartilhando Projetos de Vida e Cuidado. *Rev. Latino-am. de Enfermagem*, 2006, março-abril; 14(2):199-206, p. 203.

complexo do se pode sequer imaginar e que necessita de intervenção de agentes devidamente habilitados e com larga experiência na solução de tais conflitos, porque a jovem grávida entra em um dilema espiritual que atravessa e é atravessado por toda uma conjuntura problemática, para a qual a solução não está em os familiares aceitar ou não a condição da filha sem agravos; vai muito além que é a realização de um acolhimento que ultrapassa as portas do lar e insere-se na escola, na Igreja e em todo um contexto de convivência desta menina. E onde quer que vá, será vista como uma aberração, como uma coisa que não está dentro de um padrão de normalidade e por mais que suas mães queiram fazer-se de valentonas e arrotar versículos bíblicos, ampliando o conceito de culpa para todos, pretendendo que com isto vai transformar suas filhas em deusas imaculadas, isto é outro tipo de sandice e apenas demonstra que não estão sabendo como lidar com a dor e estão sentindo-se tão assombradas [ou até mais] quanto as pessoas nas ruas e em seu convívio com a situação de gravidez precoce de sua filha. Está lançando sobre os outros toda a sua dor, toda a sua catexia emocional negativa, esta eivada de insatisfação pessoal, com a qual não está conseguindo lidar, de modo equânime.

Por mais que a sociedade atual venha a considerar como atitudes de dominação, machismo e outras sandices mais que rotulam a existência contemporânea, a ausência de um pai responsável capaz de conferir suporte, atenção e nutrição à mãe e ao filho é o que mais assombra aos pais das meninas que contraem concepção precocemente na adolescência. junta-se a isto o medo de logo em seguida vir outro, na esteira do primeiro, agora já de outro parceiro e assim, sucessivamente, até que um dia decidam contrair matrimônio e os problemas não se encerram; pelo contrário, partem de onde já existe para serem maiores ainda.

Segundo A. Dias e M. Teixeira dois comportamentos precisam existir para que ocorra a gravidez na adolescência: a atividade sexual da jovem acompanhada da falta de medidas contraceptivas adequadas.¹² É fato que a utilização de métodos contraceptivos não ocorre de modo eficaz na adolescência, embora muitos adolescentes conheçam os contraceptivos mais comuns, como a camisinha e a pílula anticoncepcional; no entanto, não se trata simplesmente de um pensamento tão pueril para se compreender de que o problema da gravidez na adolescência é problema porque vira problema, grande, grave, sequencial, trazendo consigo consequências aviltantes.

Deve-se, assim, partir do primeiro ponto abordado pelas pesquisadoras: a atividade sexual genésica entre adolescentes. Isto, sim, caracteriza-se como uma aberração, porque não possuem o corpo e nem a psique preparada para tal. Todo o conjunto reprodutivo feminino somente vai amadurecer a partir dos 17 anos de idade, estando apta a conceber a prenhez, de forma segura e saudável. O outro ponto é a condição de se tomar contraceptivos hormonais. Há alguma resposta dos efeitos destes hormônios sobre o aparelho reprodutor feminino e sobre todo o organismo da mulher a longo prazo?

O que se dever ter muito transparente e que não se trata de resolver o problema acabando com a incidência de gravidez na adolescência e sim, trata-se mesmo de elaborar mecanismos de intervenção e de interpretação sociológicas que possam auxiliar a todos, especialmente as meninas, a pensarem em meios mais equilibrados para terem uma vida psicosssexual saudável, mais equânime, buscando respeitar

¹² DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na Adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paideia*, jan.-abr. 2010, Vol. 20, Nº. 45, p. 123-131.

os respectivos tempos de maturidade que são naturais no gênero humano.

A saída sempre natural e aplaudida por todos é a conscientização de que se deve utilizar preservativos nas relações sexuais genésicas; no entanto, esta alternativa *supra* inteligente é a que menos trabalho gera para todo o grupo, que não tem que pensar muito, nem pesquisar para deduzir uma forma de ação que realmente seja eficiente e eficaz no combate a este mal. E este pensamento satânico esconde outra perversidade contra os adolescentes: lançam sobre eles toda a responsabilidade pelo [possível] mal que venha a lhes ocorrer. Pelo ordenamento jurídico-legal, elas são consideradas incapazes, logo, a responsabilidade por sua segurança, em todos os âmbitos *legis* cabe àqueles que detém poder sobre as mesmas, não havendo desculpas ou acusações esfarrapadas que possam justificar a omissão de todos.

A adolescência é marcada por problemas de todas as ordens e um deles é a crença absoluta de que estão prontos para enfrentar qualquer tipo de problema e que sairão vitoriosos, isto porque sabem muito bem o que estão fazendo e aconteceu com uma amiga e elas aconselharam e por isto já estão muito experientes no assunto. Eles são completamente alopados e sem a menor noção de nada. No entanto, esta postura não justifica a crença idiota de que já saibam o que fazem, que são protagonistas ou que não irão se lascar, caso avancem sobre situações que mostraram-se mais complexas do que realmente demonstram ser sem um suporte adequado.

No campo sexual é um destes caminhos, sem volta, que adentram sem qualquer resposta antecipada e que o resultado é sempre um fracasso desmedido; não somente porque não possuam ainda maturidade para tal, mas porque existem situações complexas, como o fato de este assunto

ser, ainda, um *tabu* na sociedade ocidental de orientação ética judaico-cristã. Ademais, a prática sexual genésica tem um fim definido que é a produção de filhos, entretanto, isto deve se dar dentro de uma organização familiar consolidada que possa ofertar o necessário de conforto a estes.

Infelizmente, estas são coisas que não passam pela cabeça dos adolescentes, para quem o tempo não exerce a menor influência e os perigos não existem, porque se acham como Super-Homens e como Mulheres-Maravilhas; criaturas imunes a tudo e a todos, inclusive a todo e qualquer tipo de mal. Uma das razões que poderia até vir a justificar esse comportamento seria a sua imaturidade psicoemocional, característica marcante da adolescência. É devido a esta imaturidade que ocorre muitas gravidezes na adolescência, pois os adolescentes não estão preocupados em se cuidar e sim experimentar daquilo que é novo para eles.¹³

Este representa outro tipo de crença imaculada que somente uma mente distorsida e que tem como objetivo mais sincero culpabilizar a adolescência por um crime do qual é vítima e não cúmplice ou parceira, como sempre termina por ser interpretado. Ao adolescente deve ser dado o direito de ser como é, inconsequente, porque imaturo e já sabedores disto, aqueles que são responsáveis por sua proteção devem ter uma atenção maior e direcioná-los para que se cuidem e não que venham a entregar-se a aventuras fortuitas as quais o resultado final pode representar-lhes ainda maiores dificuldades pela vida futura.

E é, somente por meio de uma boa educação e o desenvolvimento de perspectivas reais, duras para com suas vidas é que poderão balizar o que pretendem seguir e afastar-se, diretamente de tais problemas que são maiores

¹³ SAITO, Maria Ignez; RUZANY, Maria Helena; SERRA, Ana Sudária Lemos. Laboratório de Inovações: experiências exitosas em Saúde de Adolescentes e Jovens. *Adolescência e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 12, supl. 1, p. 08-13, mar 2015.

do que eles. Ofertas de prazer e satisfação de todos os tipos não faltarão em suas vidas e agrega-se a isto a questão do próprio desenvolvimento e a maturação psicosssexual que começa a trazer exigências inerentes à espécie, para estas jovens. A partir de determinada idade, o discurso de que ter relações sexuais é *bom*, ou dar como resposta que se faz porque é *gostoso* [*respostas estas que sempre escondem a verdadeira ignorância sobre o porquê de estar realizando-o*], vai perdendo espaço e vai tomando outra conotação, agora mais centrada na escolha do parceiro que julga ser ideal ou para fugir à verdadeira resposta primitiva hipotalâmica que é o desejo de ter um filho, de dar continuidade à espécie, ao seu DNA, é sublimada na condição de que o desejo ocorre e não sabe explicar; então faz, cedendo, assim, ao princípio do prazer.

O adolescente pratica atos sexuais para fazer-se e mostrar-se superior aos seus (suas) companheiros (as), porque isto significa estar na onda, ser descolado, não ser careta. Na maior das vezes, não sabe que está caindo em uma armadilha sem precedentes, porque todos em sua volta fingem gostar de suas vantagens contadas e alimentam o ego do infeliz, porque enquanto creem, também que tudo não passa de zoação, aceitam ser suas amigas, até que no instante em que aparece grávida, estas mesmas se afastam e o destino desta pobre garota é o abandono da escola, acusando suas [*antigas*] amigas de hipócritas e falsas.

Não é tão simples assim tecer parâmetros de culpa para os outros quando se sabe que o próprio indivíduo foi quem se submeteu a ações consciente de que poderia ter como resultados catástrofes pessoais. O que as deixam sem chão é a condição de isolamento e ostracismo a que são submetidas *a fortiori*, não só pelo conjunto de suas iguais, mas por toda a sociedade; no entanto, a vergonha deste grupo é o mais pesado sobre si. Entretanto, ligar a gravidez

na adolescência à evasão escolar sem um parâmetro de base socioeconômico é um tanto perigoso, porque distancia o problema da realidade já vivida pela adolescente. Quando a criança evade da escola é pela falta de perspectiva que esta oferece em relação à vida futura que já não oferece nenhum fator de segurança. Se a escola continua com seu discurso moralizante [*que tem a cruel audácia de chamar de motivador*], utilizando exemplos de sucessos fora do alcance dos alunos menos favorecidos, nada mais faz que afastar tais crianças do mundo real e forçar sua aproximação do fantasioso mundo do sexo livre onde o prazer é imediato. Às vezes, nem mesmo se sabe o que sente, no entanto, o sentimento de satisfação que é despertado pela afronta aos princípios dos adultos é o suficiente para que se embrenhe na aventura que a aguarda.

Quando a criança ainda está na escola e engravida é natural que venha a evadir do ambiente escolar, porque os olhares de acusação são pesados demais para alguém que acreditava ser imune a tudo o que considerava perigoso. Aliado a isto, geralmente, o pai da criança desaparece, destruindo, com tal atitude, todo o castelo de sonhos que a menina-adolescente construiu. Isto porque, na maioria das vezes é um homem adulto, já com sua vida feita; por vezes, casado, que não pode assumir qualquer compromisso com a jovem mãe. Outras vezes, a criança era apenas uma aventura furtiva, não representando nada demais para ele, que justificasse seu envolvimento afetivo-emocional e neste jogo, quem perde é tão e unicamente a adolescente, que foi usada e descartada, igual a um chiclet que acabou o doce.

O papel da escola é promover uma educação que permita evitar tais situações e se falha neste aspecto que, ao menos, possa garantir um suporte psicológico para que a adolescente tenha o seu projeto de vida de vida o menos afetado possível pela condição em que encontra-se. Para

que tal seja efetivado há que trabalhar o aspecto grupal e o individual, cada um a seu modo e tempo sob cuidados de especialistas que saibam direcionar uma atenção na justa medida que a adolescente necessita para superar o trauma que acompanha a sua nova condição, cientes de que, em políticas públicas, todas as recompensas caracterizam-se na forma de atendimento eficiente e eficaz ao público-alvo. Portanto, tomando como base a fala do autor [*supracitado*], tem-se que criar ações educativas empreendedoras tendo como alvo o público adolescente e como objetivo tecer uma educação sexual saudável conduz à compreensão de que este é um trabalho que deve ser realizado em conjunto com outras instâncias e em ampla parceria com outras esferas administrativas do poder público, tais como os serviços de atendimento clínico-médico, a assistência social, a vara da infância e juventude, ONG's e a iniciativa privada. Portanto, está-se a falar em uma ação estratégica em rede.

Segundo dados do Ministério da Saúde atualmente, 30% das meninas com idade entre 15 e 19 anos têm vida sexual ativa, sendo que apenas 3,6% das meninas e 22,2% dos meninos usam preservativo durante as suas relações sexuais. Além deste agravante, a gravidez precoce é uma das ocorrências que mais desperta preocupação quando se trata de temas relacionados à sexualidade da adolescência.

Novamente, se volta a discutir situações em que o adolescente é o principal e único culpado por sua ação inconsequente e nenhum gênio levanta-se para abordar o problema da falta de uma política pública que atenda, de modo adequado a estas meninas que acabam se perdendo para o mundo do sexo, de maneira violenta e precoce. Não se trata de pensar em criar formas de fazê-los utilizar os preservativos, mas antes em elaborar mecanismos capazes de levá-los a entender e a compreender que existem outras atribuições mais relevantes em suas vidas.

A gravidez na adolescência tornou-se um problema grave de política pública porque todos sonham o que se deve realmente fazer com relação à fase adolescente dos filhos e dos estudantes. Em algum momento da história preconizou-se que eles poderiam pensar e agir por si só, no entanto, esqueceram que tudo nesta vida traz consigo um custo agregado e que alguém terá que pagar por ele. Como os pequenos não podem nem possuem condições, ainda, de arcarem com suas responsabilidades assumidas, esta carga recai sobre os ombros dos seus pais e do Estado, que logo apelam e tornam-se nervosos, porque as coisas não podem ser desta forma, exigindo intervenções e soluções, o que os *especialistas* atendem encontrando um culpado e não uma solução viável e plausível ao problema que se apresenta como fato dado.

O que se deve buscar discutir, visando com esta atitude, a finalidade de enfrentamento real dos problemas relacionados à sexualidade exacerbada e aflorada de modo indevido na adolescência, é como orientar os adolescentes para que tenham cuidados com relação ao seu corpo e como se comportam com relação ao sexo, assim buscando preservar-se de atividades genésicas antes de ter termo o pleno desenvolvimento de seu corpo e de sua psique. Há que ter um justo equilíbrio entre um e outro, porque de outra forma que não esta, os resultados são sempre desastrosos, deixando marcas indelévels que acompanham a existência do indivíduo durante sua fase adulta, em que necessitará de uma plena capacidade ética para que possa vir a formar e orientar, adequadamente, os seus filhos e os seus pupilos que, possivelmente, possam surgir como consequência de suas construções sociais e escolhas individuais.

Discursos maravilhosos e cheios de moralismo e acusações contra aqueles que não aceitam a situação das adolescentes grávidas, porque estas não são suas filhas,

não resolve o problema, uma vez instalado. O que deve ser buscado é sempre procurar evitar que tais males acometam as jovens e se, por um acaso, não for possível evitar, que procure atendê-las sem querer demonstrar apoio julgando a falta de comoção dos outros.

Os dados coletados junto a diversos órgãos públicos de saúde, têm demonstrado números [nada] interessantes relacionados à Gravidez na Adolescência:

- ✓ Porcentagem de grávidas entre 16 e 17 anos - 84%
- ✓ Primigestas (primeira gestação) - 75%
- ✓ Frequentaram o pré-natal - 95%
- ✓ Tiveram parto normal - 68%
- ✓ Menarca (1ª menstruação) entre os 11 e 12 anos - 52%
- ✓ Não utilizavam nenhum método contraceptivo - 56%
- ✓ Usavam camisinha às vezes - 28%
- ✓ Utilizavam a pílula - 16%.¹⁴

A gravidez na adolescência, engloba vários riscos, dentre todos o que marca o desenvolvimento corporal e mental, ainda incompleto, o fato de que geralmente o pai do futuro filho ou é um homem casado que não pode assumir a ambos ou um delinquente juvenil que não tem nem eira nem beira. Disto tudo, sobra uma mãe desnutrida, sem estrutura física e mental, as famílias se espremem em barracos, tendo que sair todos para trabalhar e quando não muito a futura mãe adolescente se vê obrigada a suportar todos os olhares acusadores dos outros membros da família.

Um dado relevante é que o percentual de nascidos vivos, cujas mães têm idade entre 15 e 19 anos (dados de

¹⁴ SIQUEIRA, Maria Joana. *Números interessantes da Gravidez na Adolescência*. Retrieved by: <https://biomania.com.br/artigo/gravidez-na-adolescencia-1>. Acessado em 01/03/2019.

2006) é de 19,8%. Já o percentual de nascidos vivos, cujas mães realizaram 7 ou mais consultas pré-natal (dados de 2006) é 61,1%. Estes dados são absolutos e faltam dados mais precisos sobre o real atendimento às adolescentes gestantes, isto devido ao fato de que a opinião pública e a formação cultural destas jovens as impedem de exporem suas condições de gestantes por vergonha ou timidez, ou medo de recriminação social, que não deixa de ser uma realidade muito objetiva e cruel para com estas meninas, que são *[na maior das vezes, nada mais que]* vítimas indefesas de uma situação social aviltante. E quando coloco aqui a condição de vítimas, não é um eufemismo, mas uma condição bastante real de que são vigiadas por marmanjos que as espreitam e maquinam formas de ter acesso a elas e não serem repelidos. Criam todo um arcabouço de trapaças para conquistas, como se estivessem a perseguir uma presa na selva, em que se deve escolher um tipo de isca ideal para capturá-la. O sonho de consumo de muitos adultos, sem caráter e sem princípios é possuir uma jovem, virgem e fresca, sem importar com a dimensão do dano que esta sua ação irá causar para a vida futura da menina. E assim, todo um conjunto de trapaças e engodos são elaborados, de tal maneira que esta passa a acreditar que exista amor da parte do vilão para com ela, não percebendo que tudo não passa de uma fantasia pueril de sua cabeça, que ajuda a alimentar a fantasia mórbida na cabeça do seu amante. Tudo isto se passa ancorada na convivência social que, até que exista uma consumação do ato, que é exposto pela condição de gravidez, todo o enredo de cortesia é admitido, sem que ninguém entenda tal coisa como uma violência. E, quando ocorre a impregnação, a única que é condenada, de fato, por todos, inclusive por quem deixou que tal situação se prolongasse, é a criança, que ainda houve que foi idiota, por não ter se protegido. Discursos como este sugerem que a

pedofilia é algo aceitável e o que não o é, é a contração de concepção, sem um adequado amparo financeiro, nem fora de uma respeitável união matrimonial, que seja reconhecida socialmente.

Diante desta breve exposição, o que temos é um moralismo sendo imposto sobre todos em nome de uma [suposta] preocupação social com as adolescentes que, por azar, engravidam e com seus filhos que, por azar também, nascem vivos. Ainda persiste no Brasil, a ideia de que o casamento limpa a honra, referindo-se a moças que têm relações sexuais em solteira e que vem a ter filhos, antes do matrimônio. São situações um tanto complexas, porque tudo o que se busca discutir aqui, neste livro, é a questão da seguridade psicofísica da jovem e não um preceito moral acerca do que é [supostamente] certo ou [supostamente] errado. Fica a impressão de que foi montado todo um placo de estigma sobre a condição de gravidez e não somente sobre esta situação na adolescência, e que quando ela ocorre nestes termos, devido à fragilidade já inculcada pelas condições socioeconômicas de quem a enfrenta, a situação apenas chega aos pontos de poderem utilizar uma artilharia pesada contra quem não poderá revidar, o que pode ser classificado como um ato de covardia insana; mas eis o mundo em que se vive e se estende à existência humana: *Humano, demasiado humano!*

Muitas coisas reveladas, relacionadas à gravidez na adolescência são estereótipos que vão sendo transmitidos de modo subliminar por mães, toalmente irresponsáveis e em conflito com seus respectivos trajetos naturais de vida, não podendo ser interpretado como causa e consequência natural de desgraças anunciadas que acompanham esta fase da vida, especialmente das meninas.

No livro *Gravidez na Adolescência*, de Monteiro *et al.* (1998), o perfil psicossocial proposto pelo autor informa que,

em 70% dos casos estudados, a mãe da jovem adolescente também foi mãe na adolescência. Os cuidados com irmãos menores já eram praticados por 56% das adolescentes, ou seja, o exercício da maternidade já não lhes era de todo desconhecido, pois já havia sido aprendido nos cuidados com irmãos, parentes e vizinhos. O autor revela também que as adolescentes possuem um pensamento mágico de que não engravidarão ao iniciarem a vida sexual ativa.¹⁵ Esse tipo de pensamento parece dissociado da teoria e da prática. Portanto, devido a esses pensamentos inocentes vem a ocorrer a gravidez precoce, trazendo uma gama de sequelas, cada uma delas mais complexas que as outras.

Não se trata tão somente de lançar mais uma vez a culpa pela desgraça da menina sobre seus ombros, porque ocorre, também de os parceiros fazerem pesada chantagem emocional a fim de poderem manter relações com elas sem o uso de preservativos. Nisto, tem ficado muito conveniente, sempre atacar os(as) adolescentes com relação a tudo que o que os conduz ao fracasso e á desgraça; pelo contrário, quando obtêm sucesso, a resposta é sempre porque seguiu os conselhos de seus pais, tutores, professores e mestres.

A educação de adolescentes já é, por sua natureza psíquica e sociológica do objeto, muito complexa e agrega-se a ela o espírito conflitivo com que vivem. Não está na discussão dos conselhos, monitorar, vigiar ou espreme-los para que não venham a buscar caminhos ou descaminhos que possam vir a colocá-los em graves situações de risco. Existem muitas situações de vida que os despertam para a curiosidade mesmo que não as experimentem, é natural que sintam-se atraídos. Já no que se refere ao aspecto sexual, a educação direcionada aos adolescentes é um assunto muito

¹⁵ MONTEIRO, Denise Leite Mara et all. *Gravidez na adolescência*. São Paulo: Editora Revinter, 1998.

complexo e de difícil acesso, não porque não se saiba ou não se tenha as ferramentas adequadas; o enfrentamento está em ajustar a dose certa do que pode ser ofertado em termos de saberes úteis a eles.

As revistas femininas, com suas amplas publicações de temas relacionados à esfera sexual, dirigidas ao público adolescente, trazem um linguagem que não auxilia em nada a esclarecer as dúvidas dos mesmos e os ensinar sobre a verdadeira dimensão psicosssexual nesta fase existencial da vida. Repórteres sem nenhum preparo técnico para tratar de assuntos referentes aos adolescentes escrevem matérias sobre coito, orgasmo, como se isto fosse e reprseentasse a coisa mais natural na vida de todos os seres humanos, a partir do instante em que atingem o estágio da puberdade.

A única coisa que, geralmente acontece a todas as meninas a partir e somente durante o período da puberdade é uma bela harmônica corporal estonteante, esta muito bem delimitada e que quando surge o instante em que começam a amadurecer as gônadas tudo se torna disforme e também é o momento em que já não desperta tanto o interesse nem os olhares de atração sobre si. Por isto que, a preocupação absoluta em proteger a adolescência; ela, em sua essência, desperta sentimentos de desejos que estão guardados na região hipotalâmica humana desde eras primitivas e que se manifestam sob a forma de beleza harmônica, apolínea, não somente se tratando de uma beleza qualquer, destituída de elementos mais subjetivos. Sendo assim, quando um adulto está em ato genésico com uma adolescente, ainda que diga que seu intento não seja o de ter filhos com ela, está em negação, porque seu inconsciente assim o deseja, o que reforça as investidas para terem relações sem o uso de preservativos. Nada pode, assim, justificar, ante à justiça, o abuso e ainda mais o descuido quanto à seguridade da adolescente que não deseja para si ter um rebento. O que

se traz aqui é nada mais que uma explicação científica para um fato que ocorre com frequência. O cuidado deveria ser o respeito às meninas adolescentes quanto ao seu processo desenvolvimental psicofísico e psicosssexual, por todos.

A gravidez na adolescência tem sido apontada, nos últimos tempos, como um *problema social*. Ter filho antes dos 19 anos, décadas atrás, não se constituía assunto de ordem pública. No entanto, com as alterações no padrão de fecundidade feminina brasileira, as redefinições na posição social da mulher, acabou gerando novas expectativas para as jovens no tocante à escolarização e o fato de uma parte considerável dos nascimentos ocorrer fora de uma relação conjugal despertaram a atenção para esse fato.¹⁶

O que mais marca toda esta mudança radical nos formatos como a sociedade se manifesta sobre o problema são as características atuais da economia, em que se exige que as mulheres estejam inseridas no mercado de trabalho, a fim de poderem contribuir para a sustentação da condição econômica das suas respectivas famílias. Tem-se assim que, o que muitos pensam, defendem e até apresentam como um preconceito é uma preocupação consequente do modo de vida contemporâneo, em que a expectativa de vida se estendeu longamente, os ditames sociais se fazem muito mais pesados sobre todos e, como sempre o foi, o faz com maior violência sobre as mulheres.

Agrega-se a isto, a questão de que os avanços nas ciências psicológicas demonstram que os filhos necessitam da presença de ambos os pais para que possam ter uma direção psicológica mais centrada, mais equilibrada, em que família é um conceito que refere-se a pai e mãe e os filhos, advindo como uma séria consequência natural e deliberativa

¹⁶ BRANDAO, Elaine Reis and HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência ... *Cad. Saúde Pública* [online]. 2006, vol.22, n.7, pp. 1421-1430.

desta união. Portanto, filhos devem ser produtos de amor e decisão madura do casal, não resultado inconsequente de aventuras ou paixões esdrúxulas entre dois irresponsáveis imaturos; e é isto o que a gravidez na adolescência tem representado com uma imensa e respeitosa categoria.

Junto com a gravidez precoce vem todo um conjunto de desgraças, como a falta de conhecimentos sobre como agir, o desejo de livrar-se do feto e depois do rebento, não porque esteja pensando sobre como irá cuidar do mesmo, porque já sabe que este ficará a cargo dos avós que, tomados de piedade, terão que cuidar do pequeno, para que este não venha a morrer de inanição e maus cuidados. A jovem vai, com muita probabilidade abandonar a escola e junto com isto, vem toda uma condição de ampliação da miséria social a que esta criança estará condenada a sofrer.

Nesta conjuntura, a adolescente e todos aqueles responsáveis por seus cuidados mais diretos e objetivos devem trabalhar para que estas meninas estejam a estudar e a desenvolver um projeto estratégico, um projeto tático e um projeto operacional de vida, o que não inclui, obviamente, ter filhos antes de se ter mínimas condições de estabilidade emocional e financeira, não podendo confundir tais coisas com uma simples independência jurídico-econômica, porque um filho não é um investimento, porque não se trata de um bem material, um objeto, é um outro alguém que possui uma personalidade, ainda que não desenvolvida, mas que vai desenvolver uma própria e deve ser autônoma, capaz de pensar de modo livre e independente de juízos de valor que não os construídos tendo em conta a sociedade na qual se encontra inserido. Isto sugere que a educação familiar é um desafio premente e de ampla dificuldade, que envolve ações de alta complexidade e de longo alcance epistêmico. E neste quadro de desenvoltura, uma adolescente é a figura mais incompetente para tal exercício, porque ela mesma

encontra-se imersa no processo de construção e ampliação de sua condição individual como parte de um mundo sobre o qual não detém conhecimento suficiente e nem poder para alterá-lo [*se bem que acredite que pode fazê-lo*].

Uma vez que, contrariando todas as recomendações, tenha ocorrido uma concepção, as adolescentes e seus parceiros sexuais devem contar aos seus respectivos pais, o mais rápido possível, para que recebam o necessário e devido apoio familiar, psicológico e para que seja orientado no que deve ser feito. A menina deve ser encaminhada a um médico para fazer o pré-natal, a fim de evitar complicações médicas. As adolescentes grávidas requerem compreensão especial, cuidado médico e instrução, principalmente sobre nutrição, infecções, abuso de substâncias e complicações da gravidez.¹⁷

Estas são instruções que deveriam não constar de qualquer pauta, porque não poderia existir gravidezes na fase adolescente da vida menina, uma vez que seu corpo e sua mente não encontram-se preparados para tal. Não se trata apenas de colocar em xeque a vida sexual da menor, porque isto naturalmente acarreta prejuízos ao seu bem-estar psicológico, mas enquadra-a em um contexto de uma nova vida com novas exigências, agora mais complexas e pesadas e pior, advindas de alguém que não pode esperar a boa vontade de atender ou não às exigências do outro ser à disposição, no caso, o filho pequeno.

Toda uma existência é jogada por terra, sacrificando o próprio aspecto de desenvolvimento da economia psíquica da jovem e seu direito de explorá-la em sua plenitude, como a diversão, o lazer, o conforto de paz e quietude, os estudos básicos e avançados. A maternidade é um paradoxo da

¹⁷ DANIELLI, S. *Atenção básica a adolescentes grávidas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

condição feminina, porque, ao mesmo tempo em que se revela como um direito supra natural das mulheres, uma vez assumido, acarreta obrigações, deveres inerentes a ele que não podem ser negligenciados pela parturiente, sob pena de incursão em crime de responsabilidade. E geralmente a adolescente não se importa tanto com isto, porque aprendeu a acreditar que tem uma vida própria para viver e que tem a obrigação de fazê-la, porque é um direito que lhe compete, ou seja, tem-se, como consequência, uma série de erros que vão se agravando e se avolumando cada vez mais, com prejuízos cada vez maiores para o rebento. Algo como se a gravidez precoce fosse um acidente em um percurso natural e que a responsabilidade pelo mesmo ficasse à disposição da competência da natureza, ou seja, o filho é reconhecido como um intruso, algo muito estranho que, simplesmente, está ali..., porque surgiu ali...

Esta indeferença pelo filho presente é porque sua desenvoltura psicointelectual e neurocerebral não atingiu, ainda, um nível natural de maturidade para que possa fazer compreendido a necessidade de cuidados com um ser que acabou de chegar ao mundo. É fácil para ela dizer que este ser *se vire*, que busque modos de sobreviver por si só. O que parece ser um absurdo do ponto de vista social é uma mera conjuntura que não atinge a adolescente em si e é este ponto o que deve ser mais atacado nas formações e palestras apresentadas sobre o tema, de que a maternidade é sinônimo de responsabilidade e exigências eternas, uma coisa que somente começa e não termina, se não, com a morte.

Esta condição de indiferença social com relação ao outro, ao filho, desconsiderando que este é produto inerente à própria pessoa de direito, um filho, para ser mais exato é culpa direta de psicólogos irresponsáveis e hipócritas que querem parecer descolados e em plena sintonia com a

realidade do momento presente, que é a do *Carpen dien*, em que se deve viver hoje em prol da incerteza do amanhã. Ora, desde que o homem surgiu na face da Terra e tomou consciência de sua efêmera existência que vive com este dilema a assombrar-lhe os dias e as noites, no entanto, utilizar isto para justificar o abandono de incapazes às custas de seus pais é uma falta de respeito sem medidas.

Há que esclarecer que a gravidez na adolescência acontece desde os primórdios da civilização. Neste período, a mulher começava a sua vida reprodutora muito próximo da puberdade e raras eram aquelas que ultrapassavam a segunda década de vida em consequência de complicações advindas da gravidez e do parto. Aristóteles de Estagira (384-322a.C.) relata em seu livro *A Política* que quando os espartanos consultaram o oráculo délfico a fim de saber o porque suas mulheres estavam morrendo tanto no parto, Apolo falou pela boca da pitonisa que era pelo fato de eles estarem engravidando suas mulheres muito cedo. O mesmo ocorria na Idade Média, quando meninas mal saídas da infância, ao primeiro sinal da menarca, eram casadas com homens cuja idade girava em torno dos 30 anos.

Toda esta explanação nos conduz a compreender que a preocupação com a condição de gravidez precoce [*na adolescência*] é um problema muito pertinente às grandes civilizações desde tempos muito antigos na história humana, porque o primeiro problema situa-se na pequena dimensão e na diminuta população dos clãs, das fatrias e das urbes e depois que, as mulheres representavam a única forma de continuação da família, do culto sagrado, de soldados para a guerra. Os tempos mudaram e a problemática continua, apenas com uma roupagem um pouco diferente e com perfis mais dramáticos, adaptados aos condicionamentos político-comportamentais respectivamente a cada época.

Na pré-história da humanidade a sexualidade era uma coisa muito natural. Os homens não sabiam que eles tinham qualquer parte na reprodução. O coito era algo furtivo, realizado em um espaço de tempo extremamente curto e os filhos nasciam e ficavam aos cuidados das mães e ao atingirem certa idade eram distribuídos no grupo, mas sem ao menos terem o menor conhecimento de sua vida sexual.¹⁸

Interessante que com os adolescentes modernos não funciona de modo diferente do que ocorria com os primitivos humanos, restando como única diferença o fato de que lá, na Antiguidade, os homens e as mulheres não possuíam nenhum gênio preso em um lâmpada mágica para contar-lhes mentiras esfarrapadas e assim eles eram felizes e, na atualidade, está repleto de algum sacripanta de plantão para defender que estes selvagens delinquentes estão em pleno domínio de suas faculdades mentais e que ainda eles são protagonistas de suas histórias.

Um adolescente não pode ser nem estar deliberado a atuar como bem entende, especialmente no campo de sua sexualidade, cabendo à família a sua mais correta direção, cuidando para que cuide de si até o ponto de poder decidir com segurança sobre que caminhos seguir e com quem. A volatilidade que acompanha de muito próximo a fase de vida adolescente é um perigo, especialmente neste campo, em que a menina chega a sua fase adulta tendo experimentado uma série de aventuras com as quais não consegue fazer uma leitura adequada para que a possa direcionar como um alguém decente ao longo de sua vida futura.

A gravidez precoce interrompe diversos sonhos e outros projetos de longo prazo, porque além do julgamento

¹⁸ FISCHER, Hellen. *Por que amamos? A Natureza química do amor*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

social sobre a moça existem as obrigações a que vê-se na iminência de cumprir, mesmo não estando desejosa de fazê-las e nem preparada para tal. há o problema que geralmente os pais dos filhos destas adolescentes ou são delinquentes sem eira nem beira ou homens adultos, a maioria casados e que não irão abandonar as suas respectivas vidas para assumirem produtos de aventuras casuais. Quando o filho nasce, passa por dois dilemas, sendo o primeiro o de revelar a verdadeira identidade do pai do rebento, a segunda, se poderá contar com qualquer tipo de ajuda advinda do patife, coisa mais que improvável, portanto, ficando somente na lama e na lamúria.

Todas estas situações acontecem com a conivência da sociedade que tornou-se abjeta e ressentida de medo de mostrar sua real postura diante dos problemas do Século XXI, que nada mais é que uma mortalha do Século XX, em que tão logo tenha sido experimentado uma condição de insegurança institucional desmedida, principalmente a partir de fins da década de 1950, quando a economia começa a tomar um rumo mais ordenado e os avanços tecnológicos necessitavam de mentes mais livres para que pudesse atingir os seus objetivos que era o de vencer os obstáculos colocados pela velha ordem manipulada pelo *stablishment*.

Ninguém melhor para encampar esta jornada com rosto e espírito do que os adolescentes que, de modo muito natural e evidente, tomariam os lugares de seus pais nas cadeias de comando das grandes corporações pelo mundo afora. A primeira discussão que colocaram como premissa para uma vida plena de realizações foi a do *amor livre* que, por trás deste lema tão nobre escondia-se a alcunha de *sexo livre*, o famoso vale tudo, importando que seja feliz e não ser oprimido pela tradição e o conservadorismo arcaico pressupõe felicidade. Tal coisa jamais funcionou, porque a despeito de se ter condições de poder romper com tabus,

especialmente, o tabu sexual e destacadamente, o tabu da virgindade, que em nada tem a ver com conservadorismo ou condição de poder dos homens sobre as mulheres, mas, uma forma para se garantir a pureza da continuação da espécie e, assim tem-se que este preceito é uma ideia que se perde nas areias do tempo, sendo muito valorizada mesmo entre povos primitivos. Entre estes, existe o desejo natural de perpetuação do DNA do marido, gene da família e entre os povos civilizados da Antiguidade havia a questão da pureza do culto religioso, que deveria ser realizado por um descendente legítimo do arconte-rei. Daí a exigência que a futura esposa fosse virgem, para não se incorrer no risco de se ter um gene estranho comandando, no futuro, o culto aos deuses, o que seria negado por estes, colocando em risco de desaparecimento toda a referida comunidade tribal. Especialmente quando a religião, novamente, começa a perder sua força, tal qual ocorreu na Grécia Antiga que as vozes destes grupos de anarquistas elevam-se, fazendo eco nos comportamentos e nos corpos dos adolescentes e o resultado não poderia ser outro que não uma gama de gravidezes precoces, sem qualquer tipo de planejamento.

Com as grandes mudanças ocorridas no final do século passado, decorrentes da Revolução Industrial na Europa e, principalmente, as consequentes à Primeira Guerra Mundial, abriu-se um amplo campo de trabalho às mulheres, em diversos setores de atividades até então exercidas exclusivamente por homens e as puseram em condições totalmente diferentes daquelas já preexistentes. Essas mudanças, porém, não foram acompanhadas por políticas que lhe assegurassem condições para dividir as responsabilidades pessoais com as relações do emprego. Surgia então uma nova concepção: a da adolescente que se lançava no mercado de trabalho. A gravidez nesse momento a impedia de evoluir na profissão, além de comprometer a

estrutura financeira da família nos períodos mais difíceis economicamente.

O fim da Segunda Guerra Mundial foi o marco para a ocorrência das grandes transformações sociais. Houve uma quebra nos valores sociais importantes, levando os jovens, que, por natureza, já possuíam a característica de viver em grupos, a se unir cada vez mais, estabelecendo padrões de convivência em que a atividade sexual é considerada o símbolo da liberdade, do uso do corpo em sua totalidade.¹⁹

É um pouco estranho, bizarro, que a atividade sexual deliberada e sem medidas venha a ser considerada como um símbolo de liberdade, seria mais interessante considerar que representa um símbolo de protesto, de afronta a uma determinada conjuntura de valores socialmente aceitos e praticados, o que não deixa de ser uma idiotice porque o corpo que vai sofrer tais sanções é o próprio da vítima, não o de quem esteja a ser atacado em sua índole moral. O golpe mais baixo situa-se no fato de colocar crianças e adolescentes como alvo destas moléstias contra o sistema, em que os faz voltarem-se contra os valores de seus pais como se fossem criaturas escravizadas e dominadas a ferro e fogo, sem a menor liberdade de ação e reação, vítimas indefesas de uma casta opressora.

Que um adulto siga suas orientações pessoais e opções de vida e demais ideologias, nada disto faz o mundo parar ou ficar ainda melhor ou pior, no entanto, atacar seres indefesos é de uma vilania sem princípios, sem contar que os métodos que utilizam são os mais cretinos que existem, utilizando outras crianças para aliciarem as menores para um mundo do qual não se tem retorno conhecido.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2007.

A intenção não é somente atacar a ordem vigente, mas a ordem seguinte que, assim, comandará a sequência de ordenamento social natural, ou seja, desestruturar a família a partir de seus filhos que, no futuro serão pais e deixarão a coisa fluir como seja do interesse da gangue de plantão, que não se interessa em proteger a infância e a adolescência, antes em corrompê-la para seus ideais mais infames e assim criar um mundo sem leis, selvagem para todos e que seja construído sobre ideologias contrárias ao ordenamento natural de desenvolvimento psicoemocional, que gera como resultado direto, um contingente absurdo de figuras patológicas, verdadeiras aberrações da natureza.

Nada poderá justificar que ideias e ideais extremistas que tenham como fim colocar a segurança de crianças e adolescentes em risco, possam, assim, ser levadas adiante e apoiadas por quem quer que seja. A ideia do *sexo livre* é uma aberração, porque todos os humanos, sem a menor exceção, devem ter cuidados mínimos com suas condições de vida afetivo-sexual que incluem desde a escolha de parceiros decentes até a preocupação com a transmissão de doenças venéreas, como é o caso na atualidade da temida AIDS, doença para a qual ainda não se conhece cura efetiva. O objetivo neste livro é debruçar sobre a gravidez precoce que somente vai ocorrer caso a adolescente inicie uma vida sexual ativa sem nenhum tipo de proteção contra tal, o que não pode ser entendido aqui que, caso ela se previna, está tudo tranquilo, não haverá nenhum julgamento ou qualquer tipo de mal advindo de sua ação inconsequente.

O que se coloca em jogo é toda uma estrutura psicológica, esta não preparada para enfrentar um tipo de situação endocrinológica que se adequa ao bel prazer de teorias descabidas defendidas por filósofos sem noção. A natureza não perdoa aqueles que ousam quebrar sua ordem natural de ser e de desenvolver, ainda que permita alguns

desvarios e umas e outras tantas aventuras, que podem ser consideradas como mais ou como menos radicais, mas, jamais que se rompa o contrato social, ente sobre o qual se fundamenta o processo maturacional humano regular. A infância e a adolescência devem ser protegidos a todo e qualquer custo.

Na contramão desta condição, advinda a partir de uma [*suposta*] liberação sexual e a grande variedade de contraceptivos disponíveis no mercado, os relacionamentos sexuais iniciam-se mais cedo. Esta é outra lenda contada por aqueles que desejam impor suas verdades sobre os adolescentes por meio de um viés moralístico sem muitos fundamentos, querendo afirmar que em épocas passadas, aquelas nas quais a geração atual não viveu, logo, não pode contestar, tais coisas não aconteciam. Isto se trata de uma hipocrisia, porque os casamentos eram arranjados e as meninas mal tinham passado pela menarca e já estavam casadas; a diferença é a condição de concubinato, em que a partir disto viam-se na obrigação de formar uma família, coisa que na atualidade não funciona mais neste viés, não existindo o menor compromisso social; o sexo é meramente uma forma de protesto contra um costume e uma sociedade e seu conjunto de valores adotados, nada mais. Além disso, na atualidade, uma jovem ainda virgem é considerada, no jargão popular, como *espécie em extinção*. As jovens de hoje buscam se identificar com a imagem de uma mulher que toma iniciativa e procura manter o controle sobre sua sexualidade, acreditando que tal atitude as tornam criaturas poderosas, independentes e fortes. Todos os problemas se acumulam quando se depara com a questão de que nem ao menos a diferença entre sexo e sexualidade estas figuras adolescentes dominam. Se denominam especialistas, com grande conhecimento sobre o assunto, a partir de ridículas leituras habituais de revistas de moda feminina.

Assim que, estas figuras acreditam que estão com poder suficientes para enfrentar um mundo selvagem e que as lança no fogo sem a menor piedade, deixando suas vidas em frangalhos e um rastro de decepção sem precedentes. Na hora de anunciar a gravidez ao companheiro é o primeiro momento de tensão, porque não sabe como este irá reagir e o terror se prolonga até o instante de contar aos pais [*se isto irá ocorrer é outra história, com a qual não se pode contar*], porque, via de regra, a menina é espremida contra a parede e desarmada pela mãe, que somente confirma a condição.

Os pais, mesmo demonstrando uma frustração séria, amedrontadora, dizem-se felizes, mas, nas sombras não é bem isto o que sentem, porque o sentimento de vergonha e de fracasso é o que desmontam-nos e como forma de sobreviver a este tsunami em suas vidas, se defendem dizendo que foi *à vontade de Deus* e que têm, por isto, a obrigação de acolher a criança que irá chegar. Não o farão por um sentimento natural, antes por uma imposição de fé religiosa.

A menina, em meio a este conflito todo, está mais preocupada se os pais a amarão como antes do que se os pais a auxiliarão nos cuidados com o filho que espera, o que não surpreende porque se trata de uma criança, alguém a quem a equilíbrio psicoemocional ainda não tem a devida potencialidade para sustentar-se de modo autêntico e ainda autônomo. E mesmo que os pais garantam que nada irá mudar com relação aos sentimentos que sentem por ela, sabe bem que se trata de uma falácia, porque a criança do pai, a menina da mãe tornou-se mulher e, isto ocorreu sem passar pelo ritual clássico de passagem elaborado pela sociedade romana, ainda na Baixa Idade Média: *O Tradictio Manus*, ou a entrega da filha ao seu consorte, durante uma

cerimônia religiosa, este escolhido deliberadamente, o que se conhece na atualidade como casamento monogâmico.²⁰

O rompimento deste preceito tradicional na cultura judaico-cristã é um grande golpe cultural e nem sempre todos estão à altura para suportar o que se sucede a tal ação, nem mesmo a jovem que, de uma hora para outra, muda sua condição e fica sujeita a enfrentar os julgamentos sociais e a pressão por ter que procurar e encontrar um emprego, porque assumiu uma responsabilidade social, qual seja a de tornar-se mãe e as famílias acusam de que tal condição requer que ela seja a figura central no processo. Mesmo em famílias abastadas existe esta situação, a da gravidez precoce fora do matrimônio e também não é bem aceita nem bem quista, muito menos ainda, bem vista. É uma situação estranha para a sociedade contemporânea a situação de que um filho cresça sem a presença de um dos pais, o sentimento de pertença e o reconhecimento desta necessidade de ter-se a ambos os genitores ao lado dos filhos, acompanhando, de perto seu desenvolvimento físico e intelecto-moral é uma questão tão natural quanto respirar, comer ou beber. Em que momento, surgiu-se ideias de que a criança não precisa de tais cuidados dos pais ou que uma família manca pode criar de modo decente e tranquilo um ser e este será tão equilibrado quanto um outro é uma coisa a se investigar com respeitada propriedade e profundidade, porque carece, até o presente momento, de fundamentos científicos sólidos comprovados pela observação empírica.

Hipóteses as mais variadas surgem a todo instante, publicadas nos mais diversos meios de propaganda, em que

²⁰ O casamento monogâmico existe desde a realeza romana e assim o era porque os romanos acreditavam na fidelidade e ademais, fora uma imposição da nova religião do Império: O cristianismo. Casamento *cum manu*: era aquele em que a mulher, uma vez constraidas as núpcias caía sob a tutela do marido, estando sujeita ao seu juízo e conseqüentemente, sob sua responsabilidade.

a culpa pela condição de gravidez precoce e irresponsável é sempre provocada por um fator externo físico, que é de fácil solução e tal somente não ocorre porque o *governo*, não se sensibiliza com as demandas sociais e assim, não promove investimentos em áreas consideradas chave, demandadas de modo categórico pelos pensadores sociais. Acreditando nestas histórias, existe uma gama relativamente grande de indivíduos que desejam fazer entender que a ausência de programas de educação sexual nas escolas e planejamento familiar nos serviços públicos de saúde como fatores que podem favorecer a ocorrência de uma gravidez indesejada. Há adolescentes que engravidam idealizando independência e liberdade, porém acabam frustrando-se com toda a falta de apoio do companheiro, o que termina por acarretar maior dependência socioeconômica dos pais. Ganha destaque também a impulsividade, a baixa autoestima, a aspiração à maturidade e o fato de a gravidez fazer parte do projeto de vida da adolescente na tentativa de alcançar autonomia econômica e emocional em relação à família de origem.²¹

Esta parece ser mais uma análise singela [*para não dizer simplória*], se bem que algumas meninas creem na doce ilusão de que seus namorados e companheiros irão assumi-las e vão ter todas as benesses conferidas por uma existência sem nenhuma dificuldade de qualquer ordem, especialmente, as de caráter financeiro. Entretanto, surge, nas entrelinhas, um outro tipo de análise mais subjetiva que esconde o desejo puro da menina de sair da condição de infantilização colocadas por suas respectivas mães e que tal coisa as incomodam, a começar que estão em um mundo onde defrontam-se com figuras que são descoladas e têm uma liberdade [*quase*] sem limites e este reino encantado e

²¹ GODINHO, R. A.; SCHELP, J. R. B.; PARADA, C. M. G. L.; BERTONCELLO, N. M. F. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, abril, 2000.

maavilhosos acaba despertando a inveja e como pode ser alcançado [*aparentemente*] sem muito esforço, também o desejam e esperam conquistá-lo, com isto, não medindo consequências diretas e indiretas, uma vez que o que se deseja é o que se deve ser alcançado.

Não é esta violência que tem amedrontado os pais, tornando-os submissos e ainda omissos em suas condições naturais de cuidadores de seus filhos, zelando sempre pelo bem-estar social dos mesmos, cuidando para que tenham estrutura psicoemocional suficiente para serem bons pais no futuro. A maior afronta contra os pais e que os tem feito acovardar-se é transmitido pelo discurso médico-psicológico e psiquiátrico em que a negação aos anseios absurdos das crianças e dos adolescentes podem acarretar traumas que implicarão em uma formação deficiente de suas respectivas personalidades adultas, falas que vêm representando a mais autêntica inversão moral e clínica dos valores que sempre fizeram parte da personalidade madura e saudável do ser humano.

Tornar-se mãe é uma coisa, ser mãe é outra coisa muito distinta da primeira e ser reconhecida como mãe, pelo próprio filho é uma outra condição, esta sendo de altíssima complexidade que não pode ser interpretada de maneira arbitrária e isolada, fora de todo um contexto de entrega e de compromisso social com a criança. Muito do que se vê prescrito em todas as ordenamentos sociais é uma condição que exige da mulher a sua completa dedicação ao processo de ser alguém que alimenta o filho e que cuida do mesmo, ao mesmo tempo em que este se sente nutrido e cuidado por ela, ao ponto de buscar sua proteção nos momentos mais complexos de sua existência individual e social. A gravidez na adolescência acaba lançando sobre a avó uma dupla jornada de atendimento psicoemocional em que mãe e filho não se reconhecem a ambos e buscam reconhecer

na progenitora um alguém com poder suficiente para salvar a ambos do naufrágio que a vida os condenou [*agora é a vida a culpada do desastre*].

Não se pode deixar de perceber que a sociedade tem passado por profundas mudanças em sua estrutura, inclusive aceitando melhor a sexualidade dos adolescentes, relações sexuais antes do casamento e também a gravidez na adolescência. Basta fazer a comparação com algumas décadas atrás, quando o fato de perder a virgindade era motivo de desonra para a adolescente e a família, além de, na maioria das vezes, culminar com sua expulsão da casa dos pais, chegando até mesmo a internações compulsórias em algum hospício. Portanto existe, neste sentido, uma interpretação social de que *tabus*, inibições e estigmas estão diminuindo e o relacionamento aberto com atividade sexual [*declarada*] entre jovens, aumentando.²²

Não se pode deixar de interpretar, com profunda perspicácia, que esta visão é tão somente um desejo que guardam, não uma realidade político-histórica porque passa o mundo neste momento histórico, em que a população e os indivíduos *temem* manifestar suas opiniões sobre temas tradicionais e é aí que tem-se dois grupos atuando de modo estranho à pauta legítima de ação democrática: um deles não concorda com o que tem-se tornado os grupos sociais, com pautas libertinas e um desejo de liberdade que alcança e ultrapassa até mesmo os limites da libertinagem, mas que se sente intimidado e com esta postura se acovarda, ficando imerso em um silêncio [*quase*] obsequioso e o outro grupo que diz aderir, faz campanha, mas que em seu íntimo, não concorda, mas quer parecer que é moderninho, descolado. Fica difícil interpretar qual dos dois é mais perigoso para a

²² SANTOS, Cristiane Albuquerque C. dos; NOGUEIRA, Kátia Telles Nogueira. Gravidez na adolescência: falta de informação? *Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente / UERJ*. Vol. 6 nº 1 - Jan/Mar, 2009, pp. 48-56.

sociedade, o covarde ou o indiferente que se presta a caracterizar-se como um *arlenquim*.

Assuntos de ordem severa como a gravidez na adolescência e liberdade sexual para adolescentes, esta última que tem como muitas consequências, a primeira, não podem ser tratadas de modo leviano e melhor, este é um tema para o qual não existe nem diálogo viável, porque a natureza humana possui um determinado rito processual de desenvolvimento que foi e vem sendo construído desde seu surgimento e não inclui deixar *a la volentè* as decisões sobre o uso do seu corpo que, junto com o processo civilizatório, formou-se o processo cultural, reunindo todos os valores sociais, tendo em vista uma equânime manutenção e segura preservação da espécie, enquanto tal, entendendo que o gênero humano necessita de outros tipos de acessórios artificiais que custam-lhe caro, como a aquisição de comida e outros bens, além do quesito segurança física e, como o ser humano é uma criatura que pensa, que sente, ele tem que preocupar-se com sua segurança afetivo-emocional. É por causa deste ínfimo detalhe que sobreexiste pelos séculos afora a estrutura tradicional da família, ressaltada como a célula soberana da sociedade civil; para que possa conferir seguridade aos menores até que tenham condições de atuarem por seus próprios meios sem serem violentados no processo e as feridas sofridas não causarem-lhes danos irreparáveis.

A estrutura psíquica humana não é tão resistente quanto seu corpo demonstra ser ou como se deseja que fosse de fato. Ao menor sinal de *stress* já se despedaça e não se pode mais consertar as fissuras deixadas. Criou-se o discurso barato e muito aracnoso de que os adolescentes contemporâneos são figuras muito poderosas, que foram *empoderados* pela nova revolução social e intelectual e pela internet (*sic*), transformando-se em indivíduos protagonistas,

proativos, autônomos e independentes, o que se trata de uma falácia sem medidas, porque o máximo que todo este discurso conseguiu, ao fim de décadas de lavagem cerebral, foi criar nada mais que *idiotas úteis e massas de manobras, carneiros*, vítimas fáceis e dóceis para velhos lobos famintos e inescrupulosos.

O mundo que supõe-se conhecer, vem passando por inúmeras transformações nos seus mais diversos campos, destacando os dois de maior impacto sobre a vida individual: *o econômico e o político*. O excesso de informações e a liberdade concedida e recebida pelos adolescentes os levam à banalização de assuntos como, por exemplo, o sexo. Essa liberação sexual, acompanhada de ampla falta de limites e de responsabilidade, é um dos motivos que tem favorecido a alta incidência de gravidez entre as adolescentes.

Outros fatores que devem ser ressaltados são o afastamento dos membros da família devido à condição de desestruturação familiar. Seja por separação, seja pelo ritmo acelerado do cotidiano familiar, os pais estão cada vez mais afastados emocionalmente de seus respectivos filhos. Isto, além de dificultar o diálogo, confere ao adolescente uma condição de liberdade sem a menor responsabilidade. Ele passa, muitas vezes, a não ter a quem dar satisfações de sua rotina diária, procurando pelos pais ou responsáveis apenas e tão somente quando o problema já se instalou.²³

Neste jogo sem regras, muitas meninas se envolvem com sexo, simplesmente para fazer parte de um grupo, para não ser diferente ou mesmo para não ficar de fora, algo como um ritual de passagem para que possa ser aceita em um grupo de amigas. Nem sempre elas sabem porque está a seguir esta linha, apenas acompanham o cortejo, como

²³ SANTOS, Cristiane Albuquerque C. dos; NOGUEIRA, Kátia Telles Nogueira. Gravidez na adolescência: falta de informação? *Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente / UERJ*. Vol. 6 nº 1 - Jan/Mar, 2009, pp. 48-56.

ovelhas. Por isto que, quando as coisas dão muito errado não sabem para onde correr, porque aquelas pessoas a quem julgava serem suas companheiras são as primeiras a afastarem-se, porque não querem fazer parte do azar dos outros e também por considerarem que a antiga colega [*antes companheira e amiga*] não foi cuidadosa o suficiente.

O único cuidado que se mostra, realmente eficaz contra a possibilidade de uma gravidez indesejada é a não prática sexual, não importando que esta seja protegida ou não. A forma como as suas coleguinhas comportam-se com relação à ex-companheira de grupo que veio a engravidar é um comportamento bem primitivo, arcaico que se perde nas areias do tempo, mas que ficou marcado no inconsciente humano como um medo, uma espécie de *tabu* ancestral, repetido em todas as culturas, algo como se a gravidez fosse uma coisa subjetivo e surreal que ocorre por meio de forças mágicas, logo, todo este ritual misterioso deve ser, cuidadosamente evitado, sob qualquer auspício.

Na tentativa de conservação da própria segurança individual, o grupo exclui aquela figura que pode tornar-se [*ou que tenha se tomado*] nociva e assim prejudicá-lo de alguma maneira [*consciente e/ou inconsciente*] e não existe nenhum tipo de pesar por sua ação, porque o que se está a proteger é a integridade física de subsistência da espécie e mais, cada qual daquelas figuras ali, presentes no grupo esconde interesses muito particulares quanto aos seus respectivos e singulares futuros, desejam o melhor partido como marido, desejam a conservação da honra para que possam continuar a sonhar com tal projeto de intenções. Todo aquele rol de frivolidades, ouriçamento ante o sexo oposto não passa de um jogo bem elaborado para que se construa uma aparência de que são ativas, não ingênuas e idiotas.

A falta de informação nem sempre se caracteriza como sendo o único instrumento que falta para todas estas adolescentes; muitas das vezes o que ocorre é a falta de interesse e perspectiva sobre o referido assunto, sobre os malefícios trazidos pela atividade sexual precoce. Apenas querem desfrutar do que creem ou supõem ser prazeroso sem conhecer o que é perigoso.

É fato sabido e notório que a utilização de métodos contraceptivos não ocorre de modo eficaz na adolescência, embora muitos adolescentes conheçam os contraceptivos mais comuns, como a camisinha e a pílula anticoncepcional. Uma das razões que poderia justificar esse comportamento seria a imaturidade psicoemocional bastante característica na adolescência, não fosse fato consumado entre os adultos a mesma falta de cuidados, estes considerados maduros, sábios e equilibrados emocionalmente. É devido a esta sua condição de imaturidade que ocorre muitas gravidezes na adolescência, pois os adolescentes não estão preocupados em cuidar de si mesmos e sim experimentar daquilo que é novo para eles.²⁴

O problema todo é que esta novidade nem sempre é precursora de boas situações de respostas agradáveis, porque como o usuário desconhece a sua ação e a sua extensão sobre seu corpo e sua mente e para piorar, não sabe como lidar com os resultados mais diretos, às vezes, nem mesmo sabendo o que pode advir, fica sempre na expectativa de que poderá vir alguma coisa positiva como resultado imediato do processo, o que nem sempre mostra-se como uma verdade latente e os fins, geralmente, são muito muito dramáticos. No caso específico de experiências sexuais precoces, o resultado é um pouco pior do que com

²⁴ SAITO, Maria Ignez; RUZANY, Maria Helena; SERRA, Ana Sudária Lemos. Laboratório de Inovações: experiências exitosas em Saúde de Adolescentes e Jovens. *Adolescência e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 12, supl. 1, p. 8-13, mar 2015.

outras situações inusitadas que são enfrentadas e vividas pelos adolescentes, com destaque especial, para as do sexo feminino, porque acabam sendo tratadas como troféus e isto as colocam como meros objetos de conquista, o que vai se complicando quando surge a gravidez em meio ao processo, porque a primeira defesa do suposto pai da criança é dizer que não foi o *primeiro* nem o *único* a usufruir do corpo da jovem e de seus favores sexuais.

Isto acaba gerando um impacto muito negativo sobre a percepção desta menina, porque de uma hora para outra vê-se como um mero objeto que foi simplesmente usado e depois descartado e, sem quaisquer condições psicológicas para direcionar de forma madura sua raiva contra quem é de direito, o faz em direção ao filho que espera, este que já vai nascer como sendo o culpado pela desgraça social e afetiva da mãe. Sendo assim, não se pode esperar muita coisa para o futuro deste ser que chega, nem que esta mãe venha a tê-lo em sua mais alta conta de afetividade, ficando relegado, desde muito cedo aos cuidados de avós que tentarão, de alguma forma [*bizarra*], compensar o abandono afetivo e intelectual a que estará condenado o rebento, desde antes mesmo de nascer.

Fica-se sempre com a questão de que o interesse particular/singular da adolescente é posto acima de qualquer interesse que seja diferente deste, como se, de uma hora para outra, por um passe de mágica, esta figura se tornasse super poderosa e não pudesse ser contrariada sob pena de, no futuro, ser alguém que não se encontre referenciada como pessoa de direito. Ocorre que o inverso se vale e estas crianças que tem recebido o aval para tornarem-se adultas antes do tempo e com isto, comportam-se como se assim fosse, estão tão somente servindo como marionetes em um jogo no qual a única tendência conhecida é que sempre percam, porque a natureza humana cobra um preço

altamente elevado quando se rompe com os tratos naturais de desenvolvimento, mesmo quando se tem a impressão [ou a certeza absoluta] de que esta violência contra um inocente criou um gênio no processo e que isto pode ser entendido como superação.

Crianças e adolescentes, simplesmente, não podem manter relações sexuais, por uma condição muito simples, seus corpos e suas mentes ainda não estão evoluídos ou desenvolvidos ao ponto necessário para tal. A fase psíquica que atravessam é uma repetição [fiel] de um estágio infantil, imperfeito, tanto do ponto de vista intelectual, emocional e físico, não um processo de evolução sempre continuada, este que somente irá ocorrer após o término da puberdade que, de fato, ocorre após os 24 anos de idade. Até lá, nada mais é que um processo paralelo de amadurecimento do corpo e dopensamento, em um ritmo que é acelerado pela sociedade e pela cultura que ainda tem a tendência de julgar a maturidade intelectual pelo tamanho do indivíduo, pela sua aparência e não por sua real capacidade cognitiva.

Sabe-se que a mídia tem grande poder de influência, não só sobre a população adulta, mas também, de modo muito especial sobre os jovens, adolescentes e crianças. A televisão é uma grande incentivadora e desencadeadora de todo tipo de [des]informação, atuando como formadora de opinião. Qualquer imbecil que apareça diante das câmeras de TV, falando aberrações intelectuais poderá [e ainda será] interpretado como um intelectual e isto se dá não pelo seu nível de conhecimento, mas pelo nível de sentimento de inveja que conseguiu despertar nos seus telespectadores, os quais, em sua maioria [quase absoluta] sonham em ser estrelas da Televisão e aparecerem em algum programa, manifestando suas opiniões bizarras e demais sandices, especialmente sobre certos temas de elevada complexidade intelectual. O bombardeio de informações e imagens da

mídia induz a uma aceleração do ingresso no mundo adulto quando o jovem ainda não tem qualquer tipo de orientação, estrutura emocional e psíquica para tanto.²⁵ E, obviamente, o resultado é um colapso mental porque terá que enfrentar as exigências de uma existência que não é sua e para a qual não está, ainda devidamente preparado, em todos os aspectos naturais. Desconheço qualquer ser vivo, revestido de títulos preocupando-se com tudo isto; estão, no máximo, tentando provar que o ser humano do Século XXI é uma criatura excepcional e que comparar o seu desenvolvimento ontogenético e filogenético com os que os antecederam na história é uma forma bruta de anátema, uma blasfêmia sem medidas. Ocorre que, o gênero humano não é tão linear ao ponto de se poder fazer [*quaisquer*] afirmações acerca de seu comportamento e determiná-lo por mera teoria ou por meio de análises comportamentais apressadas e sem bases sólidas que neguem ou sobrestimem a influência do meio no qual encontram-se inseridos.

Esta sobrepotencialização que tem sido imposta ao adolescente contemporâneo tem caído sobre si como um fardo demasiado pesado e não como uma benesse com a qual sinta qualquer tipo de alegria por vangloriar-se de ser um indivíduo antenado com o presente e com o futuro. Isto tem levado-os a enfrentarem pesados tributos de cobranças e a refugiarem-se em situações existenciais para as quais não foram preparados para viverem.

A cada geração, os seres humanos chegam a este mundo desprovidos de qualquer memória instintiva que os permita sobreviver, porque este mesmo espaço que todos já conhecemos é transformado pela constante ação humana e por mais que o ser humano seja uma criatura que adapta-se

²⁵ SAITO, Maria Ignez; RUZANY, Maria Helena; SERRA, Ana Sudária Lemos. Laboratório de Inovações: experiências exitosas em Saúde de Adolescentes e Jovens. *Adolescência e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 12, supl. 1, p. 8-13, mar 2015.

ao meio, não há como promover tais mudanças e rupturas por meio de sua estrutura psíquica, como se isto fosse algo que se consegue apertando botões para ligar e desligar. O sistema de adaptação humano é muito mais lento, levando duas ou até mais gerações para que se consiga adaptar, adequadamente, aos novos processos de mudanças com relação e/ou rupturas com o seu passado.

Infelizmente, os adolescentes estão sendo levados a crerem que podem adaptar-se a qualquer coisa que desafie os seus pais e assim, buscam provar a estes que são mais capazes, muito mais ágeis e mais antenados com seus respectivos tempos políticos, apenas não se dão conta de que não o compreendem e aí surge a velha fórmula: *Decifra-me ou te devoro!* E como é de se esperar, termina devorado e a menina, além disto, ainda termina com um filho nos braços, sem saber o que fazer com esta figura encantada [e não encantadora], um autêntico presente de grego.

Este representa o principal objetivo porque se busca realizar ações empreendedoras junto aos adolescentes, tendo como elemento mediador a escola, os professores e o processo educativo formal, na expectativa de que tais ações empreendedoras podem e devem ser dirigidas ao público educacional adolescente por meio de uma educação feita sempre com vistas a atender às necessidades intrínsecas e extrínsecas inerentes aos objetos de trabalho, no caso as adolescentes, em especial aquelas que encontram-se em condições de vulnerabilidade e quando as ações profiláticas já falharam, àquelas que encontram-se já em estado de gravidez.

Empreender é um termo que significa colocar em desenvolvimento e/ou execução algo que seja muito difícil, porém, não impossível de ser realizado. Segundo Hisrich “empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando[-lhe o] tempo e o esforço necessários,

assumindo os riscos financeiros, psicológicos e [*também*] sociais correspondentes [*inerentes ao referido processo*] recebendo as consequentes [*e equivalentes*] recompensas da satisfação econômica e pessoal.”²⁶

É neste procedimento de avanços pessoais que os adolescentes devem imergir de cabeça em suas buscas por melhoras sociais e quando estes jovens compreendem que o tempo político futuro deles será o tempo político presente de seus respectivos filhos e isto coloca como evidência que os cuidados com suas condições de saúde, sexualidade são imprescindíveis para que tenham segurança para avançar como sujeitos de direito. A constituição de uma família é um dever sagrado, porque ela é a célula soberana da sociedade e espera-se que ao unir à sua companheira, esta realizada por uma escolha deliberada, venham a construir um lar, que é outra instituição sagrada desde tempos imemoriais, quase tão antiga quanto o próprio ser humano, sendo reconhecida como entidade inviolável garantida pela Constituição Federal Brasileira, promulgada em 1988. Portanto, quando se pensa em unir os princípios de uma educação empreendedora no combate ao problema histórico-social da gravidez precoce [*na adolescência e tem se tornado tão bizarro que chega às vias da infância*] e os organismos que eram para lutar contra esta barbárie cria mecanismos de interpretação que o que conseguem é subverter os reais problemas, colocando-os em termos que amenizam a opinião pública, como quando a Organização das Nações Unidas (ONU) decide, sabe-se lá, utilizando que normas e critérios técnicos e/ou científicos que a adolescência se inicia aos 10 anos de idade e mesmo a jurisprudência brasileira quando reduz a maioridade legal de 21 anos de idade para 18 anos.

²⁶ HISRIC, Robert D. *Empreendedorismo*. 9. Ed. Nova York: McGraw Hill, 2014, p. 46.

Há controvérsias no entendimento legal no Brasil quando o assunto são adolescentes e quando se trata de analisar a condição da infância e da juventude, talvez por falta de massa encefálica ou por falta de caráter mesmo, porque nem irei ater-me ao mérito referente à formação dos agentes responsáveis por tal matéria, que é para dizer muito pouco, ridícula, com conhecimento sobre psicologia humana abaixo de zero. Um adolescente, desde os seus 15 anos de idade já pode ser um empreendedor e um trabalhador ativo, em perfeita consonância com os seus estudos sistemáticos, visando adequar o trabalho desempenhado, por ele, à sua compleição física em desenvolvimento e na mesma medida deve ser responsabilizado por suas ações desmedidas e que conflitam com o ordenamento social. A isto se denomina formação ética e civil.

FORMAÇÃO SOCIOEDUCATIVA E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Nos diversos campos relativos ao saber acadêmico, especialmente aqueles que estão, direta ou indiretamente, ligados às Ciências Sociais Aplicadas, em que as pesquisas realizadas possuem um viés de interesse para formulação e manutenção de políticas públicas efetivas, a primeira coisa que se busca é verificar qual o grau de correlação direta entre um fenômeno observado e outro, por exemplo, se a baixa escolaridade encontra-se correlacionada a altas taxas de gravidez na adolescência. Não se pode buscar entender e querer provar, *a fortiori*, que um determinado fenômeno conduza, inevitavelmente, a outro, o que representaria uma forma anticientífica de trabalhar.

É fato conhecido e reconhecido que existe uma correlação direta entre formação socioeducativa e gravidez na adolescência. Não se trata de apresentar especulações sem fundamentos... Dados do Sistema Único de Saúde (SUS), publicados no ano de 2000, revelaram que a maioria das adolescentes que deram à luz [*neste período*] pertenciam às classes populares e ainda com o agravante de terem baixa escolaridade.

Há sempre que tomar-se o devido cuidado com estas análises com relação aos níveis socioeducacionais e de escolaridade das adolescentes que engravidam, porque são vítimas em amplos sentidos, a começar que seus pais, na maioria dos casos, são indivíduos de baixa escolaridade, também e, passam a ideia de que os estudos não são a essência para uma busca como consequência direta para suas respectivas conquistas de sucesso na vida. Na esteira desta condição miserável, há que os lobos sempre andam em busca de vítimas nas classes menos favorecidas, porque já que são excluídas socialmente, haverá menos chances de

relatarem os abusos morais e físicos. Há a outra parte mais violenta que é a falta de expectativa e de perspectiva [*em todos os campos pensados*] que estas meninas terminam internalizando através dos discursos, oriundos de todos os lados.

A expectativa é um sentimento complexo que se situa no campo da esfera abstrata e, quando ela se perde, a tendência é de o indivíduo tomar um caminho para uma perspectiva mais concreta, direta e objetiva, o que leva a buscar caminhos para não sucumbir, de uma forma ou de outra e, a maternidade e a paternidade são estes caminhos, considerando que o instinto de preservação da espécie se sobrepõe ao instinto de preservação da vida individual. Isto levanta uma ideia muito forte de que a adolescente que não pode contar com muita coisa em sua vida, além da sorte ou do azar, já começa a preconizar ideias de união matrimonial precocemente, não entendendo aqui, o desejo de praticar sexo deliberadamente, mas antes, um anelo pueril de ter uma família constituída e deixar herdeiros, perpetuar o seu gene e a única maneira que concebe é sendo por meio de filhos.

O fato de adolescentes com uma baixa escolaridade engravidarem precocemente representa uma leitura repleta de preconceitos e às avessas, porque elas engravidam e abandonam a escola e aí, desde a descoberta da condição gestante até o termo final, que é o nascimento, decorre um lapso temporal bastante elástico e quando vão preencher a documentação sensítaria decorre de apresentar-se com um grau de escolaridade baixo e estando fora do ambiente escolar, por fatores que já foram discutidos cientificamente até aqui e que se estendem, *ad infinitum*, ao longo deste trabalho, mostrando que, caso não fosse a dita gravidez, a evasão do espaço educativo escolar poderia ser bem menor ou mesmo que nem passasse pela cabeça da jovem antes

de tal situação. Ocorre que este é um risco não calculado, porque uma vez a menina tendo iniciado uma vida sexual ativa, desprovida de proteção e uso de qualquer meio de prevenção, estará sujeita a contrair gravidez, impactando sobre sua vida, de maneira direta.

Na concepção de Diana Dadoorian “uma família pertencente às classes populares brasileiras tende a educar os filhos com vistas à obtenção de empregos para ajudar no orçamento familiar. O casamento é algo que pode ocorrer precocemente, sendo acompanhado, muitas vezes, [e *não raramente*] de vários filhos. Uma família da classe média, por sua vez, já prioriza a atividade intelectual dos seus jovens. O casamento é, geralmente, adiado para após o término dos estudos.”²⁷

Esta é uma análise ingênua, porque não leva em conta as expectativas de vida política de cada grupo, em especial, e assim, cria-se um modo de ver que parece ser, unicamente, gerido por um processo artificial de educação familiar, fundamentado, tecnicamente, na visão dos pais e não na condição inconsciente de cada indivíduo.

Cada família, independentemente de seu poderio e seu capital financeiro, vai tecer uma visão singular sobre a questão dos filhos e isto é uma coisa difícil de determinar, até mesmo porque os pais, também sentem-se impotentes ante os anseios dos seus, por muitas vezes não poderem auferir-lhes o que realmente desejam ou ainda o que julgam necessário, minimamente para poderem atuar de modo mais aguerrido ante a vida. O problema está em ser destituído da potência de batalha e busca por melhorias na sua condição existencial, fato que ocorre quando interfere a situação de uma gravidez indesejada que, ainda que esta não venha a

²⁷ DADOORIAN, Diana. Gravidez na Adolescência: Um Novo Olhar. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2003, 21 (3), 84-91, (p. 85).

interromper em definitivo, os projetos de vida, congelam-nos por um tempo relativamente longo e quando são retomados o são em situações muito complexas que envolve inúmeras variáveis dependentes, ou seja, é um caminho sem volta que marca para sempre toda a trajetória de vida e como se comportará o indivíduo, colocando todas as suas decisões em uma balança que nunca pesa a seu favor.

Não se vê os ditos defensores dos direitos humanos fazendo esta leitura e análise situacional sobre o destino dos adolescentes e muito menos sobre o futuro das meninas e ao contrário disto, estão sempre a pregar que a liberdade de escolha deve ser um instrumento deliberativo, de amplo uso e acesso, não importando se o seu usuário esteja ou não habilitado a empenhá-lo e mesmo se possui competência mínima para fazer leituras sobre o que poderá vir a recair sobre si, como consequências diretas de suas ações. No entanto, na atual conjuntura isto pouco, muito pouco ou nada importa, porque todos já assimilaram o discurso de que se não deixar livre e desimpedida a vontade dos adolescentes, contrariando-os em seus desejos mais insanos e bizarros, ter-se-á um traumatizado, um alguém que não se socializa, que não é capaz de criar relações de empatia e pode querer experimentar daquilo que deveria saber como sendo ideal ou não para si, uma vez que não teve a oportunidade de submeter os efeitos e as ações a seu próprio respectivo juízo, enquanto em formação humana desenvolvimental de sua personalidade.

A hipocrisia segue sua linha satânica, capitaneada pelos defensores dos oprimidos e quando as coisas dão muito errado e a menor engravida, não se ouve mais os gritos de liberdade proferidos e para não fazerem ouvidos de mercador, começam a cobrar do Poder Público ações no sentido de amparar estas figuras. Nem a mãe menor e nem a criança nascida constituem *[quaisquer]* problemas diretos

do Estado. A responsabilidade deve recair, sempre, sobre quem deveria cuidar da menor, protegendo-a deste tipo de mal.

Como solução, geralmente se unem a outras figuras tanto ou mais desmioladas quanto elas mesmas o são, simplesmente para fugirem da fome, da acusação dos pais e de outros males, como por exemplo, as famílias não as querem dentro de casa, porque admitir que a filha tenha um comportamento promíscuo é uma coisa, ter isto lançado em rosto é outra coisa, um tipo de ofensa grave à honra que não pode ser tolerada; logo, ela que procure alguma forma de sobreviver por si só.

Nesta condição, ela acaba tornando-se esposa de algum demente-delinquente e, como forma de manter-se em relativa segurança, contrai uma nova gravidez. Mas, aqui não está-se a falar de casamentos ou uniões estáveis em que o sistema moralista hipócrita brasileiro não vê como problema se a mulher tenha ou não idade para contrair uma concepção. O critério de valor utilizado nesta pesquisa é se a menina estava apta para receber um feto em seu corpo, o que não está de acordo com a natureza biológica humana.

Geralmente, nas famílias de classe baixa ocorre a existência de muitos filhos e os pais têm de sair muito cedo para trabalharem e retornarem muito tarde, ficando os filhos muito dispersos e muito vulneráveis à maldade de algumas pessoas sem escrúpulos e sem respeito. Muitos indivíduos aproximam-se das meninas ofertando presentes ou mesmo servindo de apoio e as relações acabam acontecendo entre ambos e elas, na maior das vezes, sem conhecimento de métodos contraceptivos, terminam por engravidar.

O que não se pode fazer é ater todo o peso social da gravidez na adolescência à ignorância educacional ou à pobreza, mas, a ausência de políticas públicas eficientes e eficazes no combate a estes dois terríveis males, a estas

duas situações sociais, tem sido encaradas como poderosas contribuintes para impedir que o problema seja reduzido a níveis menos drásticos como tem sido relatado ao redor do mundo e em especial nos países periféricos, com recorte mais profundo, ainda, na América Latina.

A educação formal exerce um papel preponderante na formação dos indivíduos e isto conduz a se repensar a vida e a existência sob o prisma de perdas e privações. Desejar que a educação, por si só, termine com todo este problema é a maior inocência [*para não dizer estultícia*] e um crime, também. Não é ensinando os adolescentes a usar preservativos e anticoncepcionais que vai-se acabar com a incidência de concepções de meninas adolescentes; é ensinando-as a pensar o futuro, a fazer planejamentos, a empreender de forma estrutural e conjuntural. Agrega-se a isto, a construção do valor e respeito à vida individual, em um primeiro plano e a dos outros, em segundo porque, quando se tem um filho, o primeiro a ser impossibilitado em uma série de coisas é a própria futura mãe, depois vem o filho que chega ao mundo sem ser desejado, querido e amado, terminando como mais uma estatística no mundo.

A gravidez na adolescência pode ser considerada como a mais brutal violência contra os direitos naturais da infância e da adolescência que se tem conhecimento na Contemporaneidade, porque a ocorrência da mesma priva mães e filhos de oportunidades de sonhar com um futuro político para ambos.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA UM MECANISMO DE PREVENÇÃO CONTRA A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A educação, de maneira genérica, tem um papel preponderante como mecanismo de prevenção aos males sociais que insistem em atacar os grupos mais vulneráveis, como são e estão as crianças e os adolescentes. Ações empreendedoras podem e devem ser dirigidas ao público educacional adolescente por meio de iniciativas educativas, feitas com vistas a atender às necessidades intrínsecas e extrínsecas inerentes aos objetos de trabalho, no caso as adolescentes, em especial aquelas que encontram-se em condições de vulnerabilidade e quando as ações profiláticas já falharam, àquelas que encontram-se já em estado de gravidez.

Quando se pensa em executar uma proposta de educação empreendedora, não está se referindo ao que se pode ganhar diretamente no momento, mas em tudo aquilo que está posto a longo prazo, pensando de modo tático e estratégico e que é este tipo de planejamento e de visão que determina os procedimentos sociais de ação a curto, médio e longo prazos. Elaborar um plano de ação que permita aos adolescentes terem uma visão macro e séria do processo existencial requer que os prepare desde muito cedo para terem tal percepção do real e seus professores devem ser muito bem preparados neste sentido específico, sob pena de terminarem mais perdidos que seus próprios alunos e ainda acabarem caindo no infame conto do vigário, crendo, apaixonadamente que estão a criar percepções reais sobre um determinado problema e seus alunos, por outra parte, conduzem o experimento como uma brincadeira com a qual podem passar o dia se divertindo. Não se sabe, neste jogo, quem representa o papel principal como idiota!

A educação, para ser considerada empreendedora, deve ser capaz de transformar o indivíduo ao ponto de que ele perceba o seu futuro temporal como um futuro político, possível de ser conquistado e transformado por meio de seu empenho, de seu trabalho como sujeito de direito. A busca não pode ser aleatória, deve concentrar-se em conhecer os desafios que irá enfrentar caso não siga um ordenamento claro e objetivo, com metas para sua vida e saber que um outro que venha a surgir em sua existência, sem os devidos mecanismos de ajustes e interpretação de suas ações e impactos, pode colocar toda uma trajetória em ascensão e com possibilidades futuras marcantes em uma franca, clara e deliberada queda livre.

Assim que, não se pode pensar nenhuma educação empreendedora fora de um contexto político, em que se tem como objetivo a formação integral do homem, acrescido de um valor de busca por um ideal que o ultrapasse como sujeito de direito. Não dá para acreditar que uma menina que conceba antes mesmo de sair do Ensino Fundamental já possa ter assegurada a sua condição de superação como indivíduo, como cidadã ou como sujeito de direito. Ter um filho não se trata simplesmente de ter um filho, realizar um sonho, porque assim fosse, não haveria que continuar a alimentá-lo com novas expectativas a cada dia que se passa; bastando que uma vez realizado o tal sonho, ele estaria extinto, acabado e há toda uma construção social em torno do mesmo em que se elabora um princípio de vida e de existência para além do próprio ser. Sendo assim, quando se propõe como maneira de educar a próxima geração, a inserção da ideia de empreendimento, a construção de uma família se agrega fortemente a este pensamento, porque está se pensando a geração seguinte, tal como Nietzsche afirmava, por meio dos sonhos se constrói a geração futura, o que nos permite chegar à conclusão de que quando os

pais sonham com o seu filho, o fazem na iminência de uma continuação e de um prolongamento de si mesmos, como seres individuais e como espécie. Portanto, a geração de uma nova vida não pode ser tratada como um acidente cardiovascular, consequência do aumento de temperatura e pressão arterial entre duas bestas que mal sabiam o que estavam fazendo.

O princípio da educação empreendedora é inspirar nos estudante a vontade de empreender e cabe esclarecer que para se alcançar esta condição, faz-se necessário aprender a executar tarefas juntos, a pensar juntos, mesmo que as ações sejam praticadas em isolado. Muito diferente de ensinar princípios de administração, o objetivo é mostrar-lhes os caminhos por meio dos quais se pode criar uma nova forma de organizarem-se, em todos os níveis de suas respectivas vidas futuras. Para se chegar a este resultado, a educação empreendedora procura desenvolver nos jovens, em todos os níveis formais de educação, as características e competências de um empreendedor.

Com relação específica ao assunto deste livro, que é um estudo sobre o impacto da gravidez na adolescência, compete aos professores e gestores, bem como pensadores em geral que, empreender no sentido de se ter uma vida futura digna não está impondo que os jovens se abstenham de ter filhos, somente que isto seja um assunto tratado com a máxima seriedade e pensado sobre o momento mais oportuno e o que está sendo tratado como prioridade na vida de cada um. O desejo e o direito a ter uma família cabe a qualquer cidadão, no entanto, aquele que vem ao mundo, apesar de não ser ainda um cidadão e muito menos um sujeito de direito, porque é um sujeito da expectativa de direitos e sua primeira esperança em um país democrático de direitos é que receba um nome e um registro que o torne cidadão.

Já no campo das perspectivas humanas, ele tem a necessidade premente de ser amado e acolhido por uma família solidamente constituída, e que, assim, se debruçará na construção de uma identidade e, *a posteriori*, empenhar-se-á no perene auxílio à construção de sua personalidade individual e social. Nada disto pode ser alcançado por um ser humano se ele não estiver devidamente ancorado em uma família, em um grupo de pessoas com o qual sabe poder contar nos momentos mais difíceis de sua existência, alguém a quem possa recorrer e contar com sua ajuda de modo consistente. Neste sentido, já temos que empreender é atuar junto com outros indivíduos, construindo uma gama de expectativas que podem ou não se concretizar, mas que são necessárias as suas construções para que fortaleçam os laços de amizade social, confiança e comprometimento mútuo.

Pensamento empreendedor, assim como todas as formas de atitudes empreedendoras não são coisas que podem ser adquiridas de modo espontâneo, porque o ser humano, sendo um animal que possui uma capacidade de abstração, ainda guarda em si, um cérebro reptiliano e um sistema límbico, em que o primeiro deseja não muito mais que sombra e água fresca e o segundo, pura diversão e satisfação, sendo nenhuma responsabilidade com o mínimo de coisas; portanto, faz-se, neste cenário necessário que os pais instiguem, que motivem seus filhos para que sejam sempre proativos e empreendedores em todas as suas condições existenciais.

À escola cabe realizar este papel em continuidade ao que as famílias já realizam na formação de um espírito empreendedor nas crianças e se esta não os prepara, cabe à primeira a responsabilidade por fazê-lo, sob pena de estar negando um direito subjetivo ao estudante, considerando que a educação tem por missão formar estudantes dotados

de espíritos vencedores, não meras vacas de presépio ante à brutalidade natural da vida, que a esta se soma a volência institucional e aquela planejada por um grupo que mais se assemelha a hienas, sempre a aproveitar-se da desgraça alheia. Como coloca o autor russo L. S. Vygotsky, a melhor forma de educar, se não, a única é por meio do exemplo, portanto, os mestres devem mostrar tal postura.

A educação empreendedora tem percorrido um longo caminho nos últimos anos e se disseminou em programas de formação, disciplinas e atividades de preparação, porém, as pesquisas sobre a temática ainda necessitam de mais estudos teóricos e empíricos.²⁸

Muitos confundem as condições de empreendimento com sucesso financeiro. Se assim fosse, não haveria como medir as conquistas individuais que estão ao alcance de todos, sabedores de que conseguir dinheiro é consequência de esforço profissional, este que vem como consequência da formação de um clientela especial e fiel, logo, existe toda uma conjuntura e agregado a tudo isto está a condição de ter que abrir mão de muitas coisas em favor de outras.

Para esta geração que vive sob o lema do *carpen dien*, qualquer tipo de esforço étido é demasiado pesado e terminam encurralados, em um beco sem saída, porque se assumem como aqueles que tudo podem e que para tudo há tempo pela frente, o que não coaduna com a fina ideia de construção de um futuro político, porque o empreendedor é aquele que consigna a disciplina, a ordem e a doutrina em sua forma de ser e de viver e tudo o que vier a conquistar será mera recompensa por seu esforço bruto.

²⁸ LIMA, E.; HASHIMOTO, M.; MELHADO, J.; ROCHA, R. Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) *Educação para o empreendedorismo*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014a.

Por educação empreendedora, pode-se entender aquela que esteja preocupada e investida sobre o presente do estudante, porque o seu futuro é um problema que deve interessar-lhe imensamente, cabendo-lhe investimentos de toda ordem libidinal para que chegue a tornar-se potente e dedicado. O estudante que se dedica em sala de aula e não o faz, de modo espontâneo, quando em sua privacidade não pode ser considerado como empreendedor, proativo; ele nada mais que cumprir seus objetivos programáticos, os quais está obrigado sob pena de vir a ser reprovado.

Muito ainda há para ser devidamente esclarecido neste sentido, considerando que nas últimas décadas, os estudos sobre *empreendedorismo* avançaram bastante em termos de visibilidade e de importância, porém o tema da *educação empreendedora* ainda carece de uma discussão mais embasada e sólida, fundamentada de modo que auxilie no seu amadurecimento e norteamento, e estimule a sua disseminação de forma eficaz.²⁹

Não basta um termo vir a tonar-se de conhecimento público, ele necessita de um conceito e de uma ampla construção epistemológica para que possa ocupar um lugar de destaque no pensamento social. Empreendedorismo está vinculado ao pensamento empresarial e, junto com itso, tem-se que, para a maior infelicidade nossa de cada dia, a educação, a formação básica ainda não é vista como uma carreira, um meio por meio do qual se pode alcançar um fim, sendo interpretada como um fim em si mesma e com isto, poucos são os que fazem planos para suas vidas para além da conquista de um diploma; ele torna-se o fim último da escola e da conseqüente educação-formação a que se recebe. É como se tudo aquilo a que o professor dedica a

²⁹ LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

ensinar ao estudante fosse nada mais que o cumprimento de uma obrigação, sem qualquer tipo de vínculo com o futuro, porque estão enchendo a cabeça dos adolescentes de que eles são indivíduos muito capazes, muito proativos, adultos em miniaturas e que são eles os responsáveis por consertar o mundo destruído que estão recebendo de seus pais, um mundo marcado pela opressão exagerada contra os jovens que não conseguem empreender, porque não conseguem espaços para expor suas ideias revolucionárias. Nisto, para alguns professores, ser empreendedor é já tomar as rédeas da própria vida e fazer barraco contra toda a ordem estabelecida e ainda sair para as festas e voltar à hora que bem entender e para estes espécimes, fazer uma educação empreendedora é ser motivadora deste tipo de comportamento delinquencial.

Se, por acaso se fala em disciplina, em rigor, moral, conduta, tal atitude demonstra que se é contrário ao espírito do empreendedorismo e proatividade juvenil, o que conduz a uma necessidade premente de se analisar melhor o que se tem interpretado como uma educação empreendedora, buscando alcançar compreensões em relação a vários tipos de questionamentos, tais como: Como os empreendedores aprendem? Como a capacidade empreendedora individual se desenvolve? O empreendedorismo pode ser ensinado e/ou aprendido em instituições de ensino? O que ensinar? De que forma ensinar? Como potencializar e facilitar essas aprendizagens?³⁰

Estas representam perguntas que não podem ser respondidas de modo teórico e há que buscar empreendê-las para que respostas objetivas possam ser alcançadas e apresentadas a todos, transformando-se em instrumentos

³⁰ LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010, p. 19.

de trabalho efetivo, nas mãos de bons professores. O que se espera é que tais ações de ensino, minimizem a excessiva quantidade de adolescentes que contraem gravidez, porque terão oportunidade de construir um ideal de futuro para si e para seus [futuros] filhos e não os presentes que nem ao menos deveriam ter sido gerados, por motivos já [ampla e exaustivamente] expostos ao longo deste trabalho.

Uma vez que se consiga criar e/ou despertar um espírito e um pensamento empreendedores nos estudantes, surgem novos outros problemas, pois, este indivíduo irá exigir novas formas de ser e de aprender, para si e para sua formação, que agora é diferenciada, uma vez que passa a enxergar-se de modo diferenciado, um tipo de educação que o motive, o potencialize para ser mais.

Assim que, alcançar respostas aos questionamentos apresentados acerca da Educação Empreendedora e uma compreensão mais ampla e profunda sobre esse processo permitiriam indicar, de modo mais transparente, maneiras sobre como formatar atividades condutoras à educação de indivíduos empreendedores. Oliveira e Barbosa reforçam a necessidade de pesquisas e de um melhor entendimento dos benefícios, limitações e consequências dos diferentes modos de criar e implementar atividades empreendedoras na educação.³¹

Estas ações devem ser fundamentadas na psicologia do objeto, em que se desenvolvem-nas para atender, a contento, a um público específico, com ansiedades, de igual forma, singulares e o que se espera é que as respostas atendam ao que se propõe, *a priori*. O papel da educação é o de promover uma formação integralizadora do indivíduo e qualquer coisa fora deste ideal não pode ser aceito e na

³¹ OLIVEIRA, J.; BARBOSA, M. L. Processo de seleção de pré-incubação: sob a batuta da subjetividade. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) *Educação para o empreendedorismo*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

extensão disto, a educação empreendedora deve ter o sutil cuidado de pensar a formação do estudante de acordo com sua idade-série, não provocando distúrbios em todo o seu processo desenvolvimental, fazendo, assim, com que o tiro saia pela culatra.

Esta, caracteriza-se como a única preocupação que deve marcar a elaboração de políticas educacionais que vise a formação de um autêntico espírito empreendedor nos estudantes, porque ser para mais é uma busca que se empreende em qualquer dimensão da vida e onde quer se encontre, não havendo uma difusão regional que seja díspar de outra, considerando os termos de objetivos diretos e de desenvolvimento do interesse intelectual pelo rompimento dos desafios que são postos a todos a todo instante, o que marca o primado da existência humana, especialmente, esta que se dá em meio a uma sociedade.

Outros temas, de caráter também promissores para investigações, apontados por Lima e outros, ao investigarem a situação da educação empreendedora no Brasil são ainda: Quais técnicas e estratégias pedagógicas poderiam ser as mais adequadas para o contexto brasileiro?³²

Toda esta colocação dos autores mostra que ainda não se possui uma solução sobre como aplicar esta visão aos estudantes brasileiros, de maneira que possam tornar-se indivíduos empreendedores de fato, construindo uma ideia de futuro e de existência. Quando se pensa no tema da educação sexual e vincula-a à problemática que envolve a gravidez na adolescência o problema não é específico de Brasil ou de outras parcas regiões periféricas; o tema é uma questão [*quase*] idêntica em qualquer espaço social que se

³² LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. Educação Superior APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. *Caderno de pesquisa*, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014b.

vá buscar informações, porque a psicologia do objeto [o *adolescente*] varia muito pouco e este valor que se abstrai [de *cultura para cultura*] não é suficiente para determinar uma atenção [tão] diferenciada, [tão] singular para cada um objeto em específico e cada realidade estudada.

Isto remete a que as discussões acerca de ações empreendedoras para adolescentes podem ter um caráter tão abrangente e tão genérico que tais não estarão sendo conduzidas a erros e nem sob pena severa de cometerem distorções em seus juízos de valor na respectiva análise e aplicação das ideias. A cultura brasileira, como qualquer outra conhecida, possui suas singularidades; no entanto, o que se discute neste exato instante é um problema que se define como de ordem internacional e que tem perturbado a ordem cósmica de muitos povos [*tradicionais e modernos*], considerados como tradicionais, em seus princípios e modos de vida.

O trabalho de prevenção à gravidez na adolescência tem ficado a cargo exclusivo da *Educação Sexual*, porém, esta tem se mostrado muito incipiente e pueril em suas ações educativas, uma vez que fica presa no terreno do moralismo. Como agente de peso, tem-se o suporte da Educação Empreendedora que traz em seu escopo de ação, a missão de transformar os indivíduos em sujeitos ativos, conferindo-lhes uma visão de futuro e uma perspectiva de vida. Não basta dar camisinha a todos os adolescentes como se isto fosse capaz de solucionar algum problema. O preservativo não trará nenhuma esperança de emprego ou realização de sonhos a estas crianças. Faz-se necessário algo mais tangível, factível, possível.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para desenvolvimento desta pesquisa, considerando os objetivos propostos e o tema em questão, realizou-se uma investigação factual, empírica, de natureza quantitativa e qualitativa, considerando que a mesma foi composta por uma entrevista, montada sobre um questionário estruturado, usando *Escala Likert*³³.

A análise dos dados coletados foi realizada utilizando tabelas tendo como recurso o aplicativo Microsoft EXCEL. Cada tabela é discutida exaustivamente, a fim de explanar as situações e apresentar conclusões sólidas, utilizando a técnica de *Análise do Discurso* e a técnica de *Análise de Conteúdo*.

A fim de chegar a resultados claros e concisos sobre o tema proposto foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória, quantitativa e qualitativa, analítica, descritiva, de representação social a qual visa atender de modo pleno as precisões adotadas pelo pesquisador, visando obedecer aos rigorosos critérios técnicos científicos. A *Teoria das Representações Sociais*, preconizada pelo psicólogo social Serge Moscovici, está principalmente relacionada com o estudo das simbologias sociais a nível tanto de macro como de micro análise, ou seja, o estudo das trocas simbólicas infinitamente desenvolvidas em nossos ambientes sociais; de nossas relações interpessoais, e de como isto influencia na construção do conhecimento compartilhado, da cultura. A teoria das representações sociais têm como uma de suas

³³ A *Escala Likert* ou *Escala de Likert* é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, e é a escala mais usada em pesquisas de opinião. Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os perguntados especificam seu nível de concordância com uma afirmação. **Fonte:** http://www.professores.uff.br/luciane/images/stories/Arquivos/doc_turismo/quest_es calas_cap1.pdf. Acesso em 20/04/2014.

finalidades tornar familiar algo tido como não-familiar, isto é, uma alternativa de classificação, categorização e nomeação de novos acontecimentos e ideias com a quais não se tinha contato anteriormente, possibilitando, assim, a compreensão e manipulação destes a partir de ideias, valores e teorias já preexistentes e internalizadas por nós e amplamente aceitas pela sociedade.

S. Moscovici esclarece que, “as representações que nós fabricamos - duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. - são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá [e *proporciona*] um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal. [Assim que] as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não-usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos [*a priori*] e com o qual já estávamos familiarizados.”³⁴

A intenção acadêmico-científica, com a aplicação da teoria das representações sociais, é aproximar os resultados alcançados, por meio da pesquisa empírica e exploratória com a realidade social e nela poder intervir, de alguma forma, por meio da elaboração de políticas públicas diretas e indiretas que possa garantir resultados eficientes, utilizando mecanismos eficientes de planejamento operacional, tático e estratégico que, se não consiga resolver o problema, o que representaria uma pretensão fora da realidade objetiva que, ao menos o possa mitigar.

³⁴ MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 58.

Deve-se considerar que, na solução de um problema de tais dimensões e impactos sobre a vida e a existência [*presente e futura*] de uma adolescente como este tem se mostrado, as intervenções devem ser mais o mais profundas possível; no entanto, há que conhecer, com propriedade, a real dimensão deste impacto sobre espaços diversos da vida individual.

As pesquisas em ciências sociais são sempre de difícil compreensão da dimensão real que se apresenta a problemática, porque o seu objeto de estudo possui uma psicologia singular, que não pode ser realizada sobre ela nenhuma hipótese marcada por um mínimo de precisão. Isto faz com que se seja obrigado a recortar, de um universo assombroso, uma amostra muito pequena, não porque esta atitude pode ou deva ser considerada como ideal ou a única possível, mas é a que permite uma maior aproximação de entendimento, compreensão, análise e síntese pragmática do problema real.

Em uma pesquisa de representação social, debruça-se exaustivamente na compreensão da psicologia de uma pequena população e os resultados, daí alcançados, são universalizados, ressaltadas as dinâmicas e as variáveis que compõem cada objeto, em si, de modo singular, como momento político, fonte de renda, influências culturais, nível educacional, cognitivo e intelectual e as expectativas diretas e indiretas, sendo harmônicas ou não, que pesam sobre tais indivíduos. Quando se realiza trabalhos sérios e competente sobre estas vertentes, tem-se como resultados as melhores possibilidades de entendimento do objeto e das causas que provocam os sintomas e como estes repercutem sobre a vida particular e social.

O que se deixa transparente é que a modalidade de pesquisa deve ser adaptada a vários preceitos, sempre tendo em conta a complexidade do objeto a ser investigado,

destacando, ainda a maior possibilidade possível de explicar os fenômenos que decorrem do processo que se está buscando estudar. Para esta situação particular, que se deseja saber a co-relação entre a gravidez na adolescência e a evasão escolar, a pesquisa de representação social, é a que melhor atende a esta busca particular e aos anseios da investigação.

Na concepção de Norbert Elias “estudar os aspectos de uma figuração universal no âmbito de uma pequena comunidade impõe à [esta] investigação algumas limitações óbvias. Mas também tem suas vantagens. O uso de uma pequena comunidade social como foco da investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de [outras] unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável - microscopicamente, por assim dizer. Pode-se construir um modelo explicativo, em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal - um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala.”³⁵

Os sujeitos entrevistados foram [todos] abordados e convidados individualmente, sendo os contatos realizados de forma verbal. A entrevista foi realizada, pessoalmente, no local de atendimento clínico às gestantes, as quais estavam acompanhadas de suas mães e/ou por seus respectivos responsáveis. A pesquisa buscou atender aos princípios da ética e da isonomia. A elas, foram aplicados questionados estruturados contendo questões de múltiplas escolhas a 86 adolescentes em condições de gestação.

Os dados coletados desta maneira contribuem para que se possa alcançar melhor êxito na análise, pois, eles

³⁵ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 20.

descrevem e explicitam os aspectos interrogados de uma forma mais espontânea, levando em consideração o tempo, o local, como também todas as causalidades presentes que proporcionam explicações mais coerentes.

O estudo foi desenvolvido na cidade de Mutum - MG (Brasil). O município de Mutum localiza-se na região do Rio Doce do Estado de Minas Gerais e pertence à microrregião homogênea Vertente Ocidental do Caparaó. Possui uma área de 1.256,08 km². Sua população informada segundo dados do censo 2010 é de 26.661 habitantes. A sede do município encontra-se a 240 metros de altitude e tem sua posição determinada pelas coordenadas 19°49'01" Latitude Sul e 41°26'18" Longitude Oeste. O município possui 6 distritos: Sede, Ocidente, Roseiral (que tem seu cartório constituído em 28 de agosto de 1892), Centenário, Humaitá e Imbiruçu; 4 povoados: Santa Rita, Santa Maria, Santa Efigênia, Lajinha do Mutum e 54 comunidades. Possui IDH de 0,712 e uma unidade prisional de detenção provisória, com delegado titular, escrivão e agentes de investigação.

A análise dos dados tem o objetivo de esclarecer pontos que continuam obscuros e aprofundar naqueles que parecem óbvios a fim de chegar-se a um entendimento acerca do objeto investigado. A discussão dos resultados permite ao pesquisador expor as bases de seu pensamento, provocar e ampliar o pensamento científico, permitindo que alcance um público mais amplo, uma vez que a pesquisa tem caráter de representação social.

Ao todo foram entrevistadas 86 adolescentes em estado gestacional que variava do 2º mês ao 8º mês. Foram abordadas individualmente durante suas consultas nos postos de saúde do Sistema Único de Saúde, do município de Mutum - MG. As respostas foram dadas de maneira factual, coletadas em um único momento.

A idade das entrevistadas variou de 11 anos (a mais jovem) até 20 anos (a mais velha), uma vez que considerou-se para fins deste estudo os conceitos de adolescência utilizados pela Organização Mundial de Saúde³⁶, conforme apresenta a tabela 1. A idade média das adolescentes entrevistadas é 17 anos, coincidentemente, a idade em que foram encontradas o maior número de ocorrências de gravidezes, por ocasião deste trabalho.

Tabela 1: Idade das gestantes entrevistadas

Idade das gestantes entrevistadas		
	%	Frequência
11 anos	1.2	1
12 anos	-	-
13 anos	3.5	3
14 anos	5.8	5
15 anos	8.1	7
16 anos	18.6	16
17 anos	25.6	22
18 anos	16.3	14
19 anos	9.3	8
20 anos	11.6	10

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Quanto ao número de adolescentes abordados, este fato explica-se pela característica da pesquisa que é de representação social e a quantidade, embora relevante do ponto de vista de uma validação científica, não interfere na análise e nas conclusões por tratar-se de um estudo de caráter epistemológico, ou seja, o objetivo é conhecer qual a real influência da ocorrência da gravidez na adolescência e como esta vai incidir sobre a evasão escolar. Até o momento

³⁶ Para a WHS, a adolescência é o período que compreende a idade de 10 (dez) a 20 (vinte) anos de idade. (Nota do autor)

muito se fala, pouco ou muito pouco se faz e não tem-se um dado correlativo matemático.

Tabela 2: Condição civil

Condição civil das gestantes entrevistadas		
	%	Frequência
Solteira	59.3	51
Casada	30.2	26
Amasiada	10.5	09

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Do grupo entrevistado quase 60% são solteiras, o que não deixa margens para qualquer espanto, dadas as mudanças estruturais nas expectativas de vida e condições sociais. As mulheres, na atualidade, tendem a casarem-se mais tarde. Mas, o que despertou a atenção no estudo é que mais de 30% declararam-se casadas e 10,5% declararam viver em regime marital (*vide* tabela 2).

Durante a composição desta investigação houve depoimentos de adolescentes com idade de 15 anos que relataram já estarem em regime de concubinato há 4 anos, ou seja, desde os onze anos de idade já assumiu uma vida, não somente uma vida sexual como, também, uma vida conjugal, com responsabilidades vinculadas ao lar e aos afazeres domésticos.

Um fato que desperta a atenção é que, como mostra a tabela 3, um percentual de 3,71% das entrevistadas não convivem com famílias nucleares tradicionais (pai e mãe). Como é apresentado, 48,8% vivem com o que denominou-se de *outros*, ou seja, namorados, amigos, lares, abrigos. Contrariando as expectativas e a crendice popular, apenas 5,8% vivem, somente, com a mãe. Estes dados mostram que a estrutura familiar é ainda um poderoso elixir na prevenção contra a gravidez na adolescência e que, quando

este núcleo se encontra debilitado, diversas mazelas atacam os envolvidos no processo, como se fosse uma forma de violência direta destinada a este grupo, que torna-se mais vulnerável a todo tipo de tragédia social.

Tabela 3: Com quem residem

Com quem residem		
	%	Frequência
Pais	29	25
Tios	2.3	2
Avós	10.5	9
Só com a mãe	5.8	5
Só com o pai	3.5	3
Outros	48.8	42

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Quanto ao quesito renda salarial-familiar, 80,2% delas vivem em condições de pobreza relativa, uma vez que apresentam-se com renda mensal entre 1 e 2 salários mínimos (conforme mostra o gráfico 4) para um conjunto familiar de 3 a 6 pessoas (com um média alcançada pelo estudo de 3,67). A renda *per capita* brasileira é de 291,00 R\$ a 441,00 R\$ (classe média baixa), segundo dados do IBGE (2011), e ao ter em conta o valor do salário mínimo, dividido para o número de pessoas relatado, tem-se que a média por pessoa fica [*bastante*] aquém deste valor.

Esta constatação reforça a ideia de que a gravidez na adolescência está vinculada à pobreza e não pode se tratar de uma leitura apressada e sem um fundamento sólido sobre as potencialidades de cada resposta, porque levaria à geração de respostas vazias. Já foi discutido, em outras partes deste livro que, a condição de pobreza pode gerar uma falta de expectativa quanto ao futuro e a uma visão de futuro deturpada, o que pode, como fator que atravessa, por

meio de um viés, a situação da gravidez precoce, como meio de se garantir economicamente, crendo que ao ter um filho, o pai do mesmo, a quem alude a ideia de ser um príncipe encantado, irá retirá-la daquela condição de miséria e terá sua independência, onde que em sua casa serão somente três pessoas e, assim, haverá melhores condições de vida. As contas que fazem é que, em seus lares, junto aos pais e irmãos são cinco ou seis pessoas com uma quantidade “X” de dinheiro e que esta mesma quantidade, quando reduzido o número de usuários, fará milagres. É uma análise pueril, porque o que de fato ocorre a esta criança é o abandono deste suposto salvador e a condição de pobreza relativa transforma-se em pobreza absoluta e esta em miséria relativa que, por sua vez, se já estão neste patamar, o próximo passo é a miséria extrema.

No Brasil, os números absolutos sobre gravidez na adolescência estão, de modo [*quase*] muito direto, ligados à pobreza relativa, até mesmo porque a adolescente esconde e/ou adultera sua real condição de vida quando vai para a realização dos exames pré-natais [*isto quando os faz*].

Com a chegada do filho, a tendência é que todos os problemas financeiros somente aumentem, porque advém uma enorme quantidade de exigências de bens de consumo que se esvaem por meio de uso direto, tais como fraudas descartáveis, leite especial e atendimento médico. Mesmo que não enfrentem problemas graves de fome, ou outras penúrias, elas não saem da condição de pobreza relativa, um tipo especial de entendimento e de interpretação da condição econômica de um grupo de indivíduos, que estão com todas as suas possibilidades de aquisição de bens, considerados como essenciais, bem abaixo do ideal e como consequência de tal privação, vivem à margem de uma adequada [e desejada regular] situação social de bem-estar econômico, condenando a criança que acaba de chegar ao

mundo a uma penosa condição de subnutrição, subdieta, subalimentação vitamínica, proteica e mineral.

Não se prescinde que “o conceito de pobreza relativa é descrito como aquela situação em que o indivíduo, quando comparado a outros, tem menos de algum atributo desejado, seja renda, seja condições favoráveis de emprego ou poder. Uma linha de pobreza [*considerada como*] relativa pode ser definida, por exemplo, calculando a renda *per capita* de parte da população”³⁷, trabalho este o que foi realizado aqui, considerando que, nesta mesma família, haverá em tempo, relativamente curto, um novo membro.

Tabela 4: Renda salarial familiar

Renda Salarial Familiar		
	%	Frequência
Até 1 sm	32.5	28
Até 2 sm	47.7	41
Até 3 sm	16.3	14
Até 4 sm	3.5	3
Média (1.91 SM)	100	86

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Este quesito adotado de contingente de pessoas por lar interfere, severamente, na distribuição da renda total. E tais situações são agravantes no quesito evasão escolar, porque a adolescente vê-se na iminência de ajudar com as economias da casa. Com sua condição de gestante, ao nascer o filho tem-se a *obrigação* de buscar uma ocupação a fim de poder oferecer o mínimo de conforto necessário ao filho e cuidar de suas necessidades mais básicas.

³⁷ CRESPO, Antônio Pedro Albarnaz; GUROVITZ, Elaine. A pobreza como um fenômeno multidimensional. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas - RAE-eletrônica, Volume 1, Número 2, jul-dez/2002, p. 04.

Quando interrogadas sobre se exercem algum tipo de atividade remunerada, 72% delas responderam que não (conforme tabela 5), ou seja, considerando, ainda que quase a metade delas não vivem sob a tutela de seus pais, são dependentes, em muitos dos casos, da bondade e da misericórdia alheias, levando em conta que a condição monetária das famílias encontra-se [*bem*] abaixo da média.

Tabela 5: Exerce função remunerada

Exerce função remunerada		
	%	Frequência
Sim	28	24
Não	72	62

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Quanto ao quesito escolaridade, o que desperta a atenção é que 11,6% são semianalfabetas, como mostra a tabela 6. Dada a faixa de maior concentração de idade, em que ocorre a gravidez, de acordo com este estudo, é ainda incoerente que quase 50% não tenha concluído o ensino fundamental. Isto só corrobora a ideia de que o abandono escolar provocado pela gravidez é alto e é um problema que necessita da atenção das autoridades públicas (escolares e não escolares).

Este é um quesito muito sério, porque uma vez fora do ambiente escolar, as possibilidades de que se alcance empregos adequados ao direito que fazem jus, situação que não se mostra muito afável, por causa de ter filho pequeno, devendo, para tanto, ter que recorrer a creches, uma que as mães destas meninas, geralmente, não podem cuidar dos netos, devendo estas também saírem para trabalhar muito cedo, retornando, na maior das vezes, muito tarde, durante quase todos os dias da semana. Os problemas somente se avolumam, não diminuem...

Tabela 6: Grau de escolaridade

Grau de escolaridade		
	%	Frequência
Analfabeto	-	-
Lê e escreve	11.6	10
Fundamental incompleto	21	18
Fundamental completo	15.1	13
Ensino Médio Incompleto	34.9	30
Ensino Médio Completo	17.4	15

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Quando interrogadas sobre o número de gestações, 78% delas responderam ser a primeira, enquanto 18,6% responderam ser a sua segunda. Houve casos, durante a investigação em que adolescentes com idade inferior a 20 anos declararam já ter 5 gestações. E quando questionadas se já tiveram algum aborto, 14% delas responderam que sim. Estas questões acerca envolvendo a ocorrência de abortos voluntários ou não, pode estar ligado a aspectos emocionais da adolescente, bem como estrutura orgânico-corporal, entre outros fatores.

Tabela 7: Número de gestações

Número de gestações		
	%	Frequência
1 (uma)	78	67
2 (duas)	18.6	16
3 (três)	2.3	2
+ de 3 (Mais de três)	1.1	1

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Quanto ao quesito planejamento familiar 90,7% das entrevistadas declararam que não fizeram. Este item é muito relevante porque muitas delas declararam-se casadas ou em uniões estáveis, o que justificaria uma elaboração de um plano de ação sobre a sua futura condição. Mas, o que geralmente acontece são situações fortuitas, em que os filhos acontecem, são meros acidentes de percurso e depois pesos para os pais.

Do grupo entrevistado, 50% abandonou os estudos por causa da condição gestante. Isto deixa evidente que as situações novas para esta adolescente a levam a não ter mais paciência para aguardar as oportunidades advindas pela educação aparecerem, porque o que vem a seguir tem exigências mais prementes e não pode esperar. A questão de ter um filho, por si só, já se torna um limitador e um dificultador para a realização do sonho do emprego.

Dos motivos elencados para o abandono escolar, um dos principais motivos foi a necessidade de cuidar do bebê (46,5%), o que não ficou especificado, mas agrega-se a questão de trabalhar para prover o sustento mínimo para atender às exigências do mesmo. Apenas 4,6% declarou com veemência que o motivo era o de buscar alguma atividade remunerada para tratar do filho. Mas, o que mais chama a atenção é que 34,9% respondeu que abandonou os estudos por causa de *vergonha das colegas* e 14% por vergonha da condição de gestante.

Esta questão de apresentar vergonha dos pares da mesma idade e sexo é uma situação que considera como um *achado científico*, porque obrigou-me a aprofundar na compreensão sobre como funciona a mente humana desde uma perspectiva filogenética e como se está explanado logo abaixo, a resposta foi encontrada no campo antropológico da formação grupal humana e todo um conjunto de crenças e superstições.

Tabela 8: Abandonou os estudos por qual motivo

Motivo		
	%	Frequência
Vergonha das colegas	34.9	15
Vergonha dos professores	-	-
Vergonha da condição de gestante	14	6
Necessidade de cuidar do filho	46.5	20
Necessidade trabalhar para sustentar o filho	4.6	2

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Quando questionado ao grupo que ainda continua a frequentar a escola se, pretende abandonar os estudos por causa da condição de gestante, 76,7% responderam que sim e as causas são sempre as mesmas, sem diferenças estatísticas consideráveis, sendo que mais de 44% delas, responderam que é para cuidar do filho; já 11,6% foi enfática que é para buscar trabalho remunerado para cuidar do bebê e 32,5% declararam que seria por vergonha das colegas (Conforme mostra a tabela 9 e 10, respectivamente).

Tabela 9: Pretende abandonar os estudos por causa da gravidez

Pretende abandonar os estudos por causa da gravidez		
	%	Frequência
Sim	76.7	33
Não	23.3	10

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

O que chama a atenção é que em nenhum caso foi declarado terem vergonha dos professores, o que deixa a hipótese de que a escola e estes oferecem algum apoio humanístico a esta jovem, porém, ignora o que realmente acontece e, por vezes, não tem sabido como interpretar a

condição de isolamento da gestante adolescente, que ainda encontra-se no ambiente educacional.

Tabela 10: Por qual motivo pretende abandonar os estudos?

	Motivo	
	%	Frequência
Pressão da Família	2.3	1
Vergonha das colegas	32.5	14
Vergonha dos professores	-	-
Vergonha da condição de gestante	9.3	4
Necessidade de cuidar do filho	44.2	19
Necessidade de trabalhar para sustentar o filho	11.6	5

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Entender o porquê do isolamento e da ostracização da adolescente grávida, condições [geralmente] impostas por suas colegas, é um fenômeno muito complexo e de uma elevada dificuldade adjunta de compreensão, interpretação e enfrentamento, porque a resposta encontra-se na história antropológica do comportamento humano arcaico, em um tempo cronológico em que a fertilidade feminina era muito baixa e existiam crenças as mais diversas vinculados ao processo de gravidez.

O primeiro aspecto envolvendo o comportamento feminino é que as jovens solteiras não toca na barriga de uma mulher grávida. Esta é uma questão que está guardado no hipotálamo, porque procede de um tempo histórico em que acreditava-se que a mulher, ao alisar a barriga de uma gestante, ela mesma engravidava, tornava-se fértil. Logo, as virgens evitavam tal situação, para não correr o risco que, por este tempo não representava risco, mas, uma garantia precisa de prenhez. De igual forma, o sacerdote proibia, por

meio de lei e costume que as jovens solteiras tocassem a barriga de uma mulher grávida.

Houve um outro instante na história da evolução da humanidade em que a gravidez era atribuída a espíritos que entravam no corpo da mulher, logo, as jovens ainda virgens, solteiras, deveriam evitar estarem próximas àquelas que estivessem possuídas pelo espírito da fertilidade, porque corriam o risco de serem possuídas também. Esa crença chegou aos dias do Século XXI sob a forma de crenças de que se a menina conviver com alguma adolescente grávida terá o mesmo destino, como se a gestação fosse uma doença terrivelmente contagiosa. No inconsciente dos pais, não existe a relação de causa e consequência da gravidez como produto de ação sexual ativa sem algum tipo de prevenção, somente o efeito nefasto da convivência com uma grávida.

Quando a pesquisa mostra que a maior causa de evasão escolar, como consequência direta da condição de gravidez adolescente, é por vergonha das colegas, está aí embutido a ideia de quebra de uma lei, que na estrutura psicológica instintiva humana, gera um sentimento de culpa e esta ideia é reforçada até o ponto de ser confirmada pela atitude do coletivo, que afasta-se da colega em estado de gestação.

A fertilidade feminina, desde os tempos imemoriais, sempre esteve vinculada a muitas superstições e crenças. Por exemplo, na Grécia Clássica, a tragédia, em sua forma primitiva consistia em mulheres em passeata pelas ruas da cidade, gritando palavras obscenas, porque acreditavam que esta ação despertasse nelas, a fertilidade. Havia um lema nestas cerimônias públicas: *Às virgens é vedada a participação!*

Quando uma mulher alisa a barriga de outra que esteja grávida, dizendo palavras de encantamento, o que ela

está sentindo é uma imensa inveja, juntamente com um desejo austero de estar ou ficar grávida.

Biologicamente, até que ocorra o amadurecimento das gônadas, o desejo de reproduzir não pode ser efetivo, de gerar uma outra vida, de engravidar. Assim, até mesmo a questão de apresentar uma condição de ovulação regular, para uma adolescente, não é algo que pode ser entendido como normal. Sendo assim, a única explicação que pode aproximar-se da realidade é que esta condição é resultado da estimulação mecânica das gônadas, ou seja, atividade sexual coital, com penetração, atividade persistente.

Faço aqui, esclarecer que, aquilo que parece óbvio, o fato de que o ato genésico coital conduz, inevitavelmente à concepção, não é neste sentido que dirijo referências aqui. Estou a referir, diretamente, a que o ideal é, e sempre será, que, a vida sexual ativa coital somente poderia ou somente deveria iniciar-se após o período efetivo de amadurecimento gonadal. Não se trata só de evitar gravidezes indesejadas; trata-se de que o ato sexual, para o adolescente é um ato de de agressão, perverso e bizarro contra o mesmo, contra o desenvolvimento biológico natural do ser humano, podendo provocar distúrbios psicológicos graves e permanentes, porque a produção de hormônios que iriam ocorrer em determinada idade (mais tardia), ocorre precocemente, em um momento em que nem o corpo nem o cérebro estão preparados para tal.

Quando questionadas se pretendem retomar seus estudos acadêmicos formais, quase a metade respondeu que não (conforme mostra a tabela 11). Este dado comprova os danos sociais causados pela gravidez precoce, direta e indiretamente, sobre a perspectiva educacional das jovens gestantes.

Tabela 11: pretende retomar os estudos

Pretende retomar os estudos após a gestação		
	%	Frequência
Sim	51.1	22
Não	48.9	21

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

As conclusões a que se permite chegar é que as condições econômicas exercem um peso considerável sobre a evasão escolar de meninas adolescentes em condições de gestação, mas a vergonha social das colegas contribui em mais de um terço desta decisão. Portanto, a escola deve criar mecanismos para trabalhar a *psiqué* do grupo, como forma de aceitação desta criança/adolescente.

Nas pesquisas analisadas entre as adolescentes pode ser notado que a vida não é mais a mesma depois da gravidez, pois, muitas passam por muitas dificuldades e muitas vezes elas nem conseguem criar seu próprio filho. Com isso, pode-se verificar que os problemas decorridos pela gravidez na adolescência são gigantescos e prejudiciais à vida de qualquer pessoa que esteja em fase de transição, especialmente quando está-se a tratar da fase da infância para a adolescência ou até mesmo da adolescência para a fase adulta. Como ficou evidenciado nesta investigação, a maioria das meninas são de classe baixa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência caracteriza-se, por si só, como um período bastante complexo, tanto para quem o vive de fato quanto para quem acompanha o real desenvolvimento dos adolescentes. Não bastasse a luta contra a natureza ainda existe a questão do risco de gravidez neste período. A gravidez na adolescência é um mal que tem afetado o rendimento, a efetiva continuidade dos estudos sistemáticos de inúmeras adolescentes em todo o país. Coloca em situação de marginalização aquela que poderia sonhar em ter um futuro com mais seguridade garantido por meio de uma formação acadêmica, o que se não é impedida é retardada e/ou preterida para um momento indeterminado em sua história de vida pessoal.

O estudo ora aqui apresentado evidenciou que das adolescentes que engravidam 50% delas abandonam a escola quase que imediatamente após tal confirmação do estado gestatio. Outro grupo, de 38,85% deixaram em evidência a pretensão de fazê-lo. Juntando os dois grupos tem-se um percentual de 88,85% de adolescentes que [potencialmente] abandonam a escola quando sabem que estão grávidas. Todos estes dados colocam em evidência a necessidade de uma intervenção escolar por meio de ações empreendedoras que possibilitem minimizar estas atitudes, uma vez que já mostrou-se ineficaz em prevenir a gravidez precoce da adolescente. O estudo mostrou, ainda, que as mais afetadas são jovens de classe baixa, o que colabora na evasão escolar por não terem suas famílias como sustentar o filho e nem com quem deixar a criança.

O fator de cor-relação encontrado entre a gravidez na adolescência e a [consequente] evasão escolar é de, aproximadamente, 0,89:1, esclarecendo, estatisticamente que, para cada grupo de 100 adolescentes que contraírem

gravidez, 89 delas ir-se-ão evadir da escola, pelos motivos elencados neste trabalho.

O estudo mostrou, ainda que a idade que apresentou os maiores percentuais de gravidez foram as adolescentes que tinham 17 anos, o que corrobora a necessidade de empenho de tratamento mais dedicado a alunas nesta faixa etária.

Ficou ainda comprovado o fato que mais força as adolescentes grávidas a abandonarem seus estudos o fato de estarem com vergonha de suas colegas por causa de sua condição. Fica aberto precedente de necessidade de novos estudos realizados com mais profundidade acerca dos motivos que levam a esta ação por parte das colegas de rechaço por suas antes amigas porque a vergonha não nasce pelo simples fato de estarem grávidas, mas por uma ação sentida, em comparação direta com suas situações de antes e depois da gestação.

Assim, a Educação Empreendedora tem um amplo campo de trabalho que pode ir desde a educação sexual destas adolescentes para que evitem condutas sexuais desviantes e que tenham seguridade em seus atos até um suporte para aquelas que, por ventura venham a contrair gravidez precocemente de modo que todos estes índices de evasão do espaço escolar por jovens em tais condições possam ser reduzidos e minimizados.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência Normal: uma abordagem psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 13. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens*. Brasília, 2006.

BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. A pobreza como um fenômeno multidimensional. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas - *RAE-eletrônica*, Volume 1, Número 2, jul-dez/2002.

DADOORIAN, Diana. Gravidez na Adolescência: Um Novo Olhar. *Psicologia Ciência E Profissão*, 2003, 21 (3), 84-91.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na Adolescência: Um Olhar Sobre Um Fenômeno Complexo. *Paideia*, jan.-abr. 2010, Vol. 20, Nº. 45, 123-131.

ELIAS, Nobert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza *et all*. Aproximações Antropológicas Sobre Gravidez na Adolescência. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 8, n.17, p.13-45, junho de 2002.

HISRICH, Robert D. *Empreendedorismo*. 9. Ed. Nova York: McGraw Hill, 2014.

SCHAFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *RPCA*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, jul./set. 2016, p. 60-81.

LIMA, E.; HASHIMOTO, M.; MELHADO, J.; ROCHA, R. Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) Educação para o empreendedorismo. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014a.

LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. Educação Superior APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. *Caderno de pesquisa*, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014b.

LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

MONTEIRO, C. F. S. *Gravidez na Adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2011.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

OLIVEIRA, J.; BARBOSA, M. L. Processo de seleção de pré-incubação: sob a batuta da subjetividade. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) *Educação para o empreendedorismo*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

SAITO, Maria Ignez; RUZANY, Maria Helena; SERRA, Ana Sudária Lemos. Laboratório de Inovações: experiências exitosas em Saúde de Adolescentes e Jovens. *Adolescência e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 12, supl. 1, p. 08-13, mar 2015.

SCHWARTZ, Otto. *Fisiologia da vida sexual*. São Paulo: Editora Piratininga, 1960.

SILVA, Lucía; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. A Gravidez na Adolescência Sob a Perspectiva dos Familiares: Compartilhando Projetos de Vida e Cuidado. *Rev. Latino-am. de Enfermagem*, 2006, março-abril; 14(2):199-206.

